



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA – DBI**

WENDELL RHAMON DOS SANTOS DE JESUS SILVA

**O CINEMA EM CENA NA ESCOLA: REPRESENTAÇÕES ACERCA DE
SEXUALIDADE E GÊNERO**

**SÃO CRISTÓVÃO - SE
2018**

WENDELL RHAMON DOS SANTOS DE JESUS SILVA

O CINEMA EM CENA NA ESCOLA: REPRESENTAÇÕES ACERCA DE
SEXUALIDADE E GÊNERO

Monografia apresentada como requisito de avaliação
referente à disciplina Prática de Pesquisa em Ensino
de Ciências e Biologia II.

Orientadora: Profa. Mestra Elaine de Jesus Souza

SÃO CRISTÓVÃO - SE
2018

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha mãe Jucilene, uma grande mulher, obrigado por possibilitar que meus sonhos se tornassem realidade.

AGRADECIMENTOS

Nem acredito que esse dia chegou! A intensa trajetória no curso de Biologia e a minha primeira obra acadêmica, agradeço primeiramente aos meus pais *Jucilene* e *Roberto*, por sempre me guiarem e contribuírem para a pessoa que sou hoje, nunca permitindo que nada faltasse em minha educação. Agradeço também a minha tia *Ana Maria*, por sempre me ajudar com conselhos e direcionamentos.

Quando eu estava prestes a desistir da temática, ganhei um presente, uma amiga a qual só tenho admiração pelas conquistas, sem dúvida uma excelente pesquisadora e exemplo a ser espelhado, *Elaine de Jesus Souza*, minha orientadora, obrigado por ter aparecido quando eu estava disposto a abandonar tudo.

Agora vem os amigos que a Biologia deu-me, da Universidade para a vida, meu círculo secreto: *Marta* (parceira de seminários e altos desafios), *Yasmim* (unidos pela bioquímica), *Bruna* (a comunicativa), *Rebeca* (a amiga dos animes), *Elayne* (leoninos são perfeitos miga) e *Ayslan* (o flash), agradeço a oportunidade de ter conhecido todos/as vocês. Agradeço também a minha amiga *Fabricia*, por ser uma parceira inseparável em altos desafios da vida acadêmica. Não posso deixar de agradecer as Biólogas e ex-pibidianas (*Valéria*, *Larissa*, *Elaine* e *Mayane*), adoro vocês. *Talita* amiga, não esqueci de você não sua linda.

Agradeço a professora *Claudiene*, a qual devo toda a base de conhecimento que adquiri nessa trajetória acadêmica. Agradeço a minha amiga *Lynna Gabriela*, a qual suporta minhas conversas sem pé nem cabeça (kkkkk).

Não posso esquecer de agradecer a turma que me adotou *Crislaine*, *Tanísia*, *Iracema*, *Rodolfo*, *Eduardo*, *Everton*, *João*, *Ailton Júnior*, *Geovane*, *Antônio Neto* e *Andreza*, obrigado por me darem a honra de estar cercado por pessoas de coração tão bom.

Somos movidos a sonhos, um desses estou realizando agora, obrigado a todos/as!!!

EPÍGRAFE

Assumo que os significados que se atribuem a identidades, jogos e parcerias sexuais são situados e disputados historicamente e, ao longo dos tempos, nos filmes, posições-de-sujeitos e práticas sexuais e de gênero vêm sendo representadas como legítimas, modernas, patológicas, normais, desviantes, sadias, impróprias, perigosas, fatais [...] Ainda que tais marcações sociais sejam transitórias ou, eventualmente, contraditórias, seus resíduos e vestígios persistem, algumas vezes por muito tempo. Reiteradas e ampliadas por outras instâncias, tais marcações podem assumir significativos efeitos de verdade (LOURO, 2008, p.82).

RESUMO

O cinema, que é uma das temáticas centrais desse trabalho, dissemina diversas representações acerca de sexualidade e gênero, como um artefato cultural que pode contribuir para a produção de des(aprendizados). Partindo para o ambiente escolar foi vista uma oportunidade de saber como as identidades/diferenças sexuais e de gênero tem sido acolhidas e/ou excluídas nesse espaço? Será que tais diferenças continuam sendo utilizadas para justificar desigualdades? Como as categorias sexualidade e gênero são representadas nos cenários escolar e cinematográfico? Essa pesquisa teve como objetivo analisar os modos de produção cultural de representações acerca de sexualidade e gênero nos filmes *Tempestade de Verão*-2004 e *Tomboy*-2004, relacionando as representações com as concepções de estudantes em uma escola de Sergipe. A pesquisa contou com 10 alunos/as da rede estadual de ensino, localizada em Aracaju-Sergipe que participaram de entrevistas coletivas após a exibição dos referidos filmes, bem como a análise cultural foi utilizada para examinar o material empírico. Os resultados obtidos contribuíram para dar visibilidade as temáticas gênero e sexualidade ao possibilitar uma articulação entre o cinema e a escola, além disso, priorizamos a problematização de alguns significados produzidos pelos filmes e as vivências no cotidiano escolar dos/alunos/as, nas falas dos participantes foram observadas concepções pautadas em representações normativas acerca de sexualidade e gênero. Assim, os filmes foram utilizados como artefatos e pedagogias culturais potentes para incitar abordagens socioculturais e políticas acerca das temáticas sexualidade e gênero na escola.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Representações; Identidades, Escola; Cinema.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1. Estudos Culturais e Cinema: representações acerca de sexualidade e gênero ...	12
2.2. Sexualidade e gênero na escola: (des)aprendizados.....	19
3. OBJETIVOS.....	24
3.1. Geral:.....	24
3.2. Específicos:.....	24
4. PERCURSO METODOLÓGICO	25
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
5.1 Um olhar acerca do filme “Tempestade de Verão”: representações de identidade sexual em foco no cinema e na escola	29
5.2 Ele ou Ela? Reflexões sobre as representações de identidade de gênero no filme “Tomboy-2012.....	40
5. CONCLUSÕES... ..	47
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
7. APÊNDICE.....	53
7.1. APÊNDICE 1	54
7.2 APÊNDICE 2	55
7.3 APÊNDICE 3	56
7.4. APÊNDICE.....	58

1. INTRODUÇÃO

-Tem um erro ortográfico na camisa de vocês.

— Não, por quê?

— Porque “Quer” se escreve com um “E” só, não?

— Sim, mas isso é inglês. “Queer” com dois “E” s.

— Muitas vezes traduzido como “raro” ou peculiar.

-Mas “ataque peculiar” é um nome meio esquisito para um time de remo.

— Não, não. “Queer” quer dizer “gay”.

— O quê? um time só de bicha? (Tempestade de Verão, 2004)

— Qual é o seu problema?

— Você vai se fazer passar por um menino o ano todo?

— A escola já vai começar, não temos escolha, é preciso contar.

— Não estou fazendo isso para lhe fazer mal ou para te dar uma lição.

— Sou obrigada entende?

— Não me incomoda que você brinque de ser um menino, e também não me aborrece.

(Tomboy, 2012)

Começo esse texto expondo trechos de falas referentes a dois filmes, para iniciar uma problematização acerca das representações de sexualidade e gênero disseminadas em distintos espaços socioculturais, tais como o cinema e a escola.

O primeiro diálogo pertence ao filme *Tempestade de Verão - 2004*. Na trama um jovem chamado *Tobi* sente-se fisicamente e emocionalmente atraído por seu melhor amigo *Achim*, juntos fazem parte da equipe de remo da cidade em que moram, até que um campeonato realizado em um acampamento de verão, e a chegada de uma nova equipe acaba contribuindo para que os sentimentos de *Tobi* por *Achim* acabem sendo expostos.

Denominada “*Queer*”, a nova equipe que agora ingressa ao campeonato substituindo um time de garotas por motivo de doença, tenta se socializar com outros competidores, o nome da equipe é contestado quanto ao seu significado, de imediato o questionado é respondido, “*Queer*” quer dizer gay. Em fração de segundos um obstáculo surge entre a equipe e os outros competidores.

Ao assumirem suas identidades sexuais, os jovens passam de garotos legais à um time composto por bichas, de maneira abrupta a equipe é rejeitada por boa parte dos garotos, remar não é uma atividade para gays? De que modos as representações acerca da sexualidade e gênero influenciam na exclusão dos sujeitos não heterossexuais? Utilizo esses questionamentos iniciais para destacar a curiosidade e a reflexão que os filmes provocam em minhas vivências pessoais e acadêmicas acerca das temáticas sexualidade e gênero.

O segundo trecho de fala foi retirado do filme *Tomboy* - 2012, o qual retrata a história de *Laura/Michael*, vestindo roupas de garoto, *Laura* que passa a assumir a identidade de *Michael* na nova vizinhança em que mora, gosta de aproveitar as tardes brincando com seus novos amigos, *Laura/Michael* se depara a cada dia com um desafio rumo ao processo de construção de sua identidade.

Tendo como cúmplice a sua irmã *Jeanne*, que sabe que a irmã/irmão está assumindo a identidade de garoto, em uma tarde na tentativa de defender a irmã que foi machucada por um colega, *Laura/Michael* se envolve em uma briga, que põe em jogo a sua identidade. Sua mãe recebe queixas da briga ocorrida, e descobre que até então a filha se passava por um garoto.

Na tentativa de consertar a situação, a mãe de *Laura/Michael* a veste com roupas de menina, com o objetivo de explicar para a mãe do garoto envolvido na confusão e para a sua melhor amiga *Lisa* a sua verdadeira identidade.

O pai e a mãe de *Laura/Michael* nunca viram problema algum em sua vestimenta de garoto, quebrando a normatividade de que roupas tem que seguir gênero. Porém ao descobrirem que a filha está se passando por menino, a situação passa a ser um “problema”, o qual a mãe de *Laura* diz não ter escolha e que é “obrigada” a dizer a verdadeira identidade da filha.

Quando a mãe de *Laura* se refere a obrigação, me faz lembrar da nossa sociedade, as normas e os artefatos que as regem, será que para a mãe de *Laura/Michael* o problema é a sociedade em que vivemos? A qual não teria espaço para a identidade que a filha quer ser reconhecida? A trama realmente contribui para uma produtiva discussão sobre identidade de gênero, mas como tais representações são interpretadas pelo público que as assistem?

Durante os intervalos entre uma aula e outra na Universidade, eu sempre ocupava esse tempo para falar sobre o meu passatempo predileto, filmes, e o quanto à magia do cinema pode nos trazer grandes reflexões e questionamentos, quando a trama representa personagens reais e leva o público a se deparar com distintas vivências e expressões humanas que podem provocar (des)construções do que aprendemos como natural.

Nesse contexto, os filmes trazem grandes mensagens e me impressiona o quanto as telonas dão visibilidade a diferentes representações de sexualidade e gênero, provocando questionamentos e (des)construções de preconceitos e normatizações acerca das múltiplas vivências e expressões em torno dessas temáticas. Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Sergipe, tive a oportunidade de cursar à disciplina *Corpo, Gênero e Sexualidade*, que me permitiu olhar à pedagogia cultural do cinema com uma outra ótica, problematizando-o e reconhecendo o potencial pedagógico que o mesmo possui.

Quando aluno do ensino médio, às vezes em que o professor comunicava que a aula seria um pouco diferente, à turma toda se animava, o mais curioso era que todo o recurso audiovisual utilizado era somente correspondente à disciplina (no caso, Biologia) ministrada pelo professor, caso contrário, a tão esperada aula diferente não acontecia. Desse modo, a transdisciplinaridade costuma ser frequentemente desconsiderada no ambiente escolar, em detrimento da pluralidade de diferenças que permeia esse espaço.

Por outro lado, alguns/algumas docentes tem se esforçado para desconstruir o viés biologizante com relação as temáticas sexualidade e gênero. Durante a minha trajetória como bolsista PIBID-Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência deparei-me com uma situação bastante enriquecedora, tendo um professor de Biologia (do ensino médio)acolhido o meu projeto que visava trabalhar com Gênero, Sexualidade e Diversidade na escola, mesmo sem ter formação específica sobre a temática e não se sentir “preparado” para retrata-la em sala de aula, o professor mostrou-se disposto a novos aprendizados, estando presente na realização das oficinas sempre que possível.

Durante a realização das oficinas em uma escola de Aracaju - SE, trabalhando com os/as alunos/as temas como violência e homofobia, eu sempre perguntava se algum/a professor/a já havia trabalhado ou até mesmo conversado de maneira informal sobre alguns desses assuntos, segundo os/as discentes, só a professora de língua espanhola conversava referente a tais assuntos.

Em cada encontro juntamente com o grupo de monitores sempre levávamos alguns recursos, como vídeos, os alunos/as participantes sempre comentavam sobre séries de TV e alguns filmes que abordavam os temas trabalhados, esses diálogos me estimularam ainda mais a trabalhar com recursos audiovisuais.Com o ciclo de oficinas encerrado, pensei em ideias para quando retornasse à escola, percebi que um dos assuntos mais comentados entre os/as jovens

que lá estudavam era a diversidade sexual, assim encontrei a oportunidade de trabalhar o meu TCC com um universo atrativo para os alunos, a pedagogia do cinema.

Em conversa com os/as alunos/as, fiquei bastante instigado, pois muitos adoravam filmes e também compreendiam o quão enriquecedor pode ser assistir determinadas obras cinematográficas para gerar debates em sala de aula. Após essa conversa tive a confirmação quanto a minha temática de estudo, “O Cinema” e suas representações acerca de sexualidade e gênero.

Nessa perspectiva, o espaço escolar me fez (re)pensar e questionar: como as identidades/diferenças sexuais e de gênero tem sido acolhidas e/ou excluídas nesse espaço? Será que tais diferenças continuam sendo utilizadas para justificar desigualdades? Como as categorias sexualidade e gênero são representadas nos cenários escolar e cinematográfico? Considero essas representações passíveis de serem discutidas e problematizadas.

O cinema trabalha com construção de sentidos, significados, representações, por ser algo tão atrativo para os/as alunos/as, vislumbrei a oportunidade de apresentá-lo para os/as discentes, com a finalidade de analisar de que modo o público estudantil interpreta a abordagem de gênero e sexualidade exibida em filmes, e sobretudo buscando problematizar como estas são representadas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Estudos Culturais e Cinema: representações acerca de sexualidade e gênero

O cinema tem contribuído para dar visibilidade a temáticas como sexualidade e gênero, principalmente acerca de identidades sexuais e de gênero, porém me causa uma certa inquietação quanto a maneira que tais identidades são apresentadas para o público que as assiste, pois pode contribuir para a produção de ensinamentos (os “ensinamentos”, os quais me refiro, remetem as “pedagogias culturais”, que será melhor explicado posteriormente), através de suas representações, no entanto estas podem ser problematizadas e desconstruídas.

Segundo Fabris (2008), o cinema é algo de produção cultural, que carrega consigo marcas, expressões e significados. Podemos atrair o público que assiste, gerar reflexões acerca de temáticas que norteiam o nosso cotidiano.

Acerca do cinema e suas representações de sexualidade e gênero, Rocha aponta:

É necessária uma imersão no universo das representações sociais existentes sobre gênero e sexualidade em nossa sociedade. Participar desse universo para daí criar significados e construir uma visão mais embasada sobre o assunto, quando muitas vezes as várias realidades impostas pelo tema estão distantes de nós, requer um poder imaginativo que nos é suprido através da película cinematográfica (ROCHA et al, 2015, p.221).

O cinema pode proporcionar ao público que assiste a vivenciar experiências e uma série de sensações que até então podem estar adormecidas, na maioria das vezes por nunca terem sido discutidas no cotidiano no telespectador. O filme pode funcionar como um catalisador, acabando com essa dormência instigando o sujeito a pensar em questões de vivências em nossa sociedade que não são diretamente vivenciadas por ele, mas que de alguma maneira podem fazer parte de sua realidade (ROCHA et al, 2015).

Tendo como objeto do meu estudo, o cinema e suas representações acerca de sexualidade e gênero na perspectiva dos estudos culturais pós-estruturalistas, é importante explicar como este se deu início. Segundo Escosteguy (2001, p.29) “As primeiras manifestações dos estudos culturais têm origem na Inglaterra, no final dos anos 50, especialmente em torno do trabalho de Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Palmer Thompson.”

Quanto ao surgimento e organização dos estudos culturais, Escosteguy (2001) argumenta que:

O campo dos estudos culturais surge, de forma organizada, através do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), diante da alteração dos valores tradicionais

da classe operária da Inglaterra do pós-guerra. Inspirado na sua pesquisa, *The Uses of Literacy* (1957), Richard Hoggart funda em 1964 o Centro (p. 28).

O principal objetivo dos estudos culturais é problematizar a cultura, que “é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciadas de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla” (SILVA, 2015, p.133). Explorando o seu sentido mais amplo, o conceito dado a palavra cultura passa a assumir outros significados. Desse modo, o conceito deixa de ser algo restrito somente as formalidades acadêmicas, dando ênfase e valor ao popular (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003).

Ao apresentar os estudos culturais pós-estruturalistas como perspectiva teórica adotada, cabe ressaltar a enorme contribuição na valorização da cultura popular com seus variados sentidos e representações, considerando que nessa perspectiva nada é fixo, identidades e significados culturais podem ser problematizados e desconstruídos (SANTOS, 2014). Nessa ótica, as representações acerca de sexualidade e gênero veiculadas nos filmes demonstram a instabilidade dessas dimensões humanas, principalmente no que se refere às identidades sexuais e de gênero que admitem significados plurais a depender do contexto sociocultural.

Nessa perspectiva, representação é compreendida como práticas de significação baseada na linguagem, na cultura e nos sistemas simbólicos que produzem sentidos e normatizações acerca de determinada categoria e/ou identidade social. Ao produzirem representações, as pedagogias culturais constituem processos “educativos”, que mesmo sem o objetivo explícito de ensinar veiculam por meio de artefatos culturais – como os midiáticos – uma variedade de formas de conhecimentos, saberes e práticas influentes na produção de identidades e diferenças (SILVA, 2015).

É importante ressaltar que na pesquisa pós-estruturalista a linguagem é levada ao seu sentido mais amplo, tendo como foco produções culturais e suas relações entre corpo, conhecimento e poder. Considerando também a educação como uma série de processos nos quais os indivíduos são transformados, bem como podem torna-se transformadores da cultura (MEYER, 2014).

O pós-estruturalismo pressupõe questionar aquilo que é instituído, com o objetivo de levar a uma estratégia de multiplicação quanto ao que é considerado legítimo, buscando evitar o binarismo conectado pelo “ou” dando possibilidade a outros métodos de análises e utilizando a lógica do “e”. Observar como as relações de poder estão ligadas aos sujeitos e como podem surgir relações de diferenças, bem como questionar aquilo é considerado normal, abraçando o

“diferente” e problematizando os motivos de sua ilegitimidade e seus modos de produção (MEYER, 2014).

Ao abordar os estudos pós- estruturalistas é de suma importância falar do campo no qual ocorrem as diferentes manifestações por significação e relações de poder. A cultura compreendida como uma série de processos pelos quais podem ser construídas visões do mundo em que vivemos. É algo que permite aos indivíduos se distinguirem em diferentes grupos, desse modo a cultura não é algo redutível, pois consiste em um conjunto de significados compartilhados imbricados em relações de poder (MEYER, 2014).

Quanto a esse campo de significados que compõem a cultura, Stuart Hall (1997) argumenta:

Estes sistemas ou códigos de significados dão sentidos às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomadas em seu conjunto eles constituem nossas culturas. Contribuem para assegurar que toda ação social é cultural, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado, e neste sentido são práticas de significação. (p.01)

A palavra “significação”, descrita na citação de Hall (1997) no parágrafo acima, me lembra algo que faz parte do nosso cotidiano quanto ao que se refere ao cultural, as pedagogias culturais que estão presentes no nosso dia a dia e promovem (des)aprendizados quanto maneira de enxergarmos as coisas, que na maioria das vezes acabam sendo naturalizadas de tanto serem reproduzidas pela sociedade (SABAT, 2001).

Para melhor aprofundar o conceito de pedagogia cultural, utilizo os argumentos de Silva (2015) as pedagogias culturais não possuem unicamente um objetivo central de ensinar, porém acabam proporcionando aprendizados e formas de conhecimento, contribuindo para a formação identitária dos sujeitos.

Ainda sobre as pedagogias culturais é importante falar sobre os artefatos que as mesmas carregam, funcionam como “sistemas de significação implicados na produção de identidades e subjetividades, no contexto de relações de poder” (SILVA, 2015, p.142). Com base nos referenciais que embasam esse estudo, considero o cinema uma pedagogia que carrega consigo artefatos e ensinamentos quanto a suas representações.

Tais representações podem assumir abordagens diferenciadas se formos levar em conta o seu contexto histórico, como irá ser melhor argumentado posteriormente nesse capítulo, e como essas mudanças podem promover ensinamentos para o público que assiste.

Partindo para a linguagem cinematográfica, considerando as abordagens de gênero e sexualidade nela representada, considero produtivo problematizar o modo como vem sendo

(des)construídas identidades e diferenças, isto é, os sentidos atribuídos as identidades sexuais e de gênero, que compõem os principais personagens dos filmes escolhidos para análise.

Me pergunto como ocorrem os processos de construção de identidades e diferenças dentro da nossa sociedade, ambos os termos estabelecem uma dependência de existência um do outro, de maneira a relacionar tais termos recorro a definição de Silva (2014):

A identidade e a diferença não podem ser compreendidas, pois fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. Não são seres de natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem. Dizer isso não significa, entretanto, dizer que elas são determinadas, de uma vez por todas pelos sistemas discursivos simbólicos que lhes dão definição (p.78).

Ainda que seja de uma complexa compreensão, a definição de identidade e diferença nos ajuda a refletir sobre essa política de identidades que norteia a nossa sociedade, sempre temos o hábito de nos autodeclararmos ou de identificarmos o próximo, tais processos por vezes acabam estigmatizando sujeitos, estabelecendo papéis e normas. O que me faz lembrar das representações de identidade sexual e de gênero exibidas pelos filmes, personagens patologizados ou caricatos que podem transparecer uma gama de sentidos aos/as telespectadores/as.

Considero relevante falar inicialmente de um termo retirado da fala de um filme utilizado na introdução (Tempestade de Verão, 2004), no que se refere a palavra “*Queer*” para melhor situar o leitor. A palavra “*Queer*” é remetida a algo anormal, esquisito, assumindo uma conotação pejorativa. O movimento *Queer* surgiu na década de 1960 impulsionado por uma série de movimentos sociais (MISKOLCI, 2016).

O objetivo do movimento *queer* é “enfrentar o desafio de mudar a sociedade de forma que ela seja aceitável” (MISKOLCI, 2016, p.25). O *queer* não se trata somente de uma defesa a homossexualidade, mas representa uma forma de contestar e recusar valores morais de caráter violento que instauram e fazem valer a linha da abjeção, essa barreira rígida que divide os socialmente aceitos e os que são desprezados em esfera coletiva (MISKOLCI, 2016).

O movimento *queer* despertou interesse de pesquisadores/as, principalmente em decorrência da visibilidade de minorias e oposição às normas sociais, de modo geral, a teoria *queer* tem como objetivo romper as desigualdades entre identidades homossexuais e heterossexuais, desconstruindo modelos normativos que acabam por reger a nossa sociedade (LOURO, 2001).

Desde o nascimento, somos submetidos a uma série de regras e normas sexuais e de gênero, que vão da maneira que nos vestimos até a maneira com quem nos relacionamos, o que me faz entrar em concordância com a necessidade de constante problematização numa

tentativa desconstrução de tais regras, as quais os movimentos sociais andam lutando para desestabilizar.

Para melhor argumentar a respeito sobre os estudos de gênero e sexualidade, utilizo como embasamento argumentos de pesquisadores/pesquisadoras da área, o que vem a ser sexualidade? Algo que nascemos predestinados ou construímos no decorrer da nossa vida social? Ainda hoje nos deparamos com alguns questionamentos, durante os estudos iniciais alguns estudiosos defendiam a ideia de que sexualidade era algo que todos possuímos de maneira natural, para questionar essa colocação utilizo a definição de Guacira Louro (2000):

No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção do corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é ou não natural, produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas (p. 06).

Como a autora expõe, não existe nada de natural na sexualidade, é algo construído ao decorrer da vida e envolve uma série elementos da esfera social do indivíduo, as identidades e práticas sexuais são mutáveis ao decorrer do tempo. Algo também relevante a ser explanado é quanto a distinção de identidade sexual e de gênero.

Segundo Louro (1997), as identidades sexuais são construídas mediante a maneira em que vivemos a nossa sexualidade, seja com parceiro do sexo oposto ou do mesmo sexo, enquanto as identidades de gênero são compreendidas pela maneira na qual nós, sujeitos, nos identificamos no âmbito social e construímos nossas masculinidades e/ou feminilidades feminina.

No que se refere a gênero utilizo as colocações de Meyer (2004), segundo a pesquisadora:

Nessa perspectiva, o conceito de gênero remete a todas as formas de construção social, cultural e linguísticas implicadas com processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e nomeando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (p.15).

Apesar de estarem relacionadas, sexualidade e gênero não são a mesma coisa, contudo ainda prevalece uma tentativa de sobreposição, principalmente entre identidade sexual e de gênero, o hábito “naturalizado” que temos de querer fixar algo dando uma denominação exata talvez contribua para tal discordância (LOURO, 1997).

Nesse contexto, “o que importa aqui é considerar que, tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade, as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou

acabadas num determinado momento” (LOURO, 1997, p. 27). Quando nos referimos a identidades, nada é fixo, tudo está sujeito a transitoriedade.

Nesse rumo, destaca-se a relevância de reconhecer a multiplicidade de fatores, contextos e dimensões socioculturais e políticas envolvidas na (re)construção das identidades sexuais e de gênero. E, desse modo, compreender que a diversidade sexual abrange as múltiplas vivências e expressões de sexualidade e gênero, sobretudo as identidades sexuais e de gênero, construídas no decorrer da vida humana por meio de aspectos históricos, políticos e socioculturais, e não por simples escolha, influência ou determinismo biológico (LOURO, 1997; SOUZA, 2015).

Encerrando esse apanhado de conceitos necessários para o propósito do meu trabalho, entro agora no universo do cinema e suas abordagens acerca de sexualidade e gênero, quando cito essas duas palavras, me recordo de um texto da pesquisadora Guacira Louro (2008) referente ao cinema e suas abordagens quanto a sexualidade.

A maneira como a qual o universo cinematográfico abordava a sexualidade a tempos atrás, principalmente quando os/as personagens apresentavam identidades sexuais tidas como “incomuns”, tem mudado ao decorrer dos tempos:

O filme mantém-se fiel à orientação de tornar não atraente (ou mesmo repulsiva) a posição-de-sujeito homossexual. A mãe possessiva, autoritária e excêntrica também sugere rejeição. Sua entrada em cena, a partir de um pequeno elevador doméstico, barroco, é ridícula; sua instabilidade emocional e seu caráter dramático insinuam que ela é perigosa; suas referências à estreita ligação com o filho permitem à plateia, eventualmente, repetir o adágio popular que responsabiliza as mães pela homossexualidade dos filhos (LOURO, 2008, p.85)

O trecho acima se refere ao filme *“De repente no último Verão-1959”*, no qual a pesquisadora ressalta alguns elementos importantes sobre como a figura do homossexual era abordada em épocas passadas, o que ao meu ver, poderia contribuir para a produção de ensinamentos e representações estereotipadas acerca da identidade do personagem.

Posteriormente, a pesquisadora argumenta que os filmes têm se preocupado em cada vez mais abordar a realidade de certos grupos sociais, (LOURO, 2008), o que me faz vincular o cinema com os estudos culturais, que têm contribuído muito para os estudos do cinema gay, como argumenta Duprat (2007):

Além disso, um outro importante aspecto positivo dos Estudos Culturais para uma abordagem das problemáticas do cinema gay diz respeito à sua constante busca pelos mo(vi)mentos de subversão e resistência cultural, desde seus princípios fundadores até a época atual. (p. 07)

Um outro ponto que merece ser citado é a maneira na qual as identidades de gênero são abordadas no universo cinematográfico, retorno aos argumentos da pesquisadora Guacira

Louro, na maioria das obras, o personagem apenas transita de maneira performática e cômica, como por exemplo no filme *“Uma babá quase Perfeita-1993”*, Louro (2008) argumenta:

A platéia, em tais casos, é colocada na posição de cúmplice do personagem e “sabe” que ele ou ela não é o que está fingindo ser; em outras palavras, a platéia “sabe” que o personagem não transgrediu ou não atravessou “pra valer” as fronteiras de gênero e, ao final, irá retornar à “normalidade”. Há, portanto, um caráter provisório nesse (suposto) atravessamento e, provavelmente por isso, a situação não parece ser, efetivamente, subversiva. (p. 92)

Em outros momentos, quando o sujeito realmente transita entre os gêneros, passando a ter um enfoque dramático a situação é exibida de uma outra forma para o público, como no filme *Traídos Pelo Desejo-1992*, também analisado por Louro (2008), expondo-o da seguinte maneira:

Aqui, um militante do IRA percebe-se apaixonado pela namorada de um soldado que havia sido morto sob sua responsabilidade. A visão de um pênis no corpo que, de resto, traz as marcas da mulher desejada provoca no protagonista choque e repúdio. A cena é inusitada e tensa. A platéia não é “avisada” e, junto com ele, é tomada de surpresa. O nu frontal da personagem transexual provoca e perturba. Talvez perturbe especialmente porque ela se assume tal como é: “Não posso deixar de ser o que sou” (*“I can’t help what I am”*), declara Dill (Jaye Davidson). Seu “estranho” corpo parece um obstáculo para o amor do militante Fergus (Stephen Rea) ou, pelo menos, para a expressão do amor por que Dill anseia. A impossibilidade de definir esse corpo em um dos dois gêneros torna-o ininteligível. Dill habita uma espécie de entre lugar. (p.93)

Diante da análise da pesquisadora, reflito sobre o quanto essas representações podem ter fortes efeitos sobre o público. O universo cinematográfico tem contribuído muito para dar visibilidade a identidade de sujeitos que são tidos como minoria em nossa sociedade destaco a comunidade de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros – travestis e transexuais (LGBT). Porém, me inquieto ao buscar problematizar como tais discursos são representados e reproduzidos pelas pessoas que assistem a certos estilos de filmes e que possíveis relações teriam com o universo escolar.

Será que o discurso que compõe a representação dos personagens gays, lésbicas e transexuais no universo cinematográfico estão relacionados com o cotidiano? Até que ponto essas representações podem contribuir para (des)construção de (des)aprendizados acerca dessas identidades em nossa sociedade e principalmente na escola?

2.2. Sexualidade e gênero na escola: (des)aprendizados

Gênero e Sexualidade são temáticas que sempre estiveram no cotidiano escolar, tanto no dia a dia do público estudantil que a frequenta, bem como do corpo pedagógico da escola. Por mais que o ambiente escolar tente invisibilizar tais abordagens, penso que os/as jovens que estão rodeados/as de pedagogias culturais em seu cotidiano, tais pedagogias criam representações e significados.

Muitos trabalhos referentes a gênero e sexualidade na escola tem tornado a temática cada vez mais evidente atualmente, ressaltando a importância de sua abordagem no ambiente escolar, como indica César (2009): “De certa maneira, uma parcela da sociedade brasileira reconhece o lugar estabelecido da sexualidade no interior da escola” (p.38).

“A educação apresenta como uma de suas finalidades servir à sociedade, essa prestação de serviços se realiza quando a escola se apropria das demandas culturais de nossa sociedade e as reproduz em seu ambiente” (ROCHA et al. 2015, p.224). Em contrapartida é necessário lembrar que o ambiente social pressupõe um multiculturalismo, que engloba vários grupos sociais, porém, a escola se encontra longe de incluir essa diversidade, legitimando uma cultura nacional compartilhada por todo um sistema de ensino (ROCHA et al, 2015).

É notória a diversidade em nossa sociedade, em meio a tantas diferenças sejam elas socioculturais, econômicas, políticas, físicas ou sexuais, podem acabar contribuindo significativamente com o aprendizado e enriquecimento do ser humano. A escola, instituição que sempre foi palco da diversidade onde apresenta uma predominância de múltiplas identidades (sexuais e de gênero, étnica-racial) acaba disciplinando os sujeitos, omitindo o direito a expressar características que para ela são inadequadas (SOUZA, 2016).

A pluralidade que existe na escola e que muitas vezes é invisibilizada por padrões instituídos, pode atuar de maneira bastante positiva para o aprendizado tanto dos/as alunos/ como da equipe pedagógica da escola, contribuindo para o amadurecimento intelectual de ambos. Tornando assim o ambiente escolar um local em que possa ser possível reconhecer e dialogar sobre as diferentes vivências acerca de sexualidade e gênero de uma maneira inclusiva (SOUZA, 2016).

Abordando a escola como local de convivência e produção de valores Heilborn e Carrara argumentam (2009):

A escola é um dos locais onde as pressões e vigilâncias se manifestam mais visivelmente, por se tratar de um contexto privilegiado de aprendizado, de convivência social e de desenvolvimento de habilidades, dentre elas, os modos de compreender as sexualidades. Os valores e os modelos de conduta produzidos na

escola e transmitidos por ela, tanto por meio dos conteúdos da educação formal, como através da interação cotidiana com colegas, educadoras e educadores, encarnam todas as crenças, os preconceitos e as desigualdades que são comuns na sociedade, legitimando-os em função do peso da instituição educativa e pela sanção coletiva da comunidade escolar. (p. 101)

Outro ponto relevante a ser exposto são as abordagens de gênero na escola, é nessa instituição que ocorrem a maioria das representações do que vem a ser feminino ou masculino, favorecendo assim uma forma de classificação social, visto que práticas são ensinadas, reproduzidas e legitimadas. (HEILBORN; CARRARA, 2009)

No cotidiano da escola, podemos observar práticas que acabam impulsionando preconceitos acerca das dimensões de sexualidade e gênero, quem nunca se deparou com as seguintes frases: “Vocês estão parecendo mulherzinhas; isso é coisa de menino/de homem; peça para as meninas limparem isso; mande os meninos carregarem a caixa; as meninas estão muito saídnhas; tenha uma postura de homem, rapaz!” (HEILBORN; CARRARA, 2009, p. 45). Tais ditos produzem modos “ser menino/menina, homem/mulher e contribuem para desigualdades nas relações de gênero, bem como afetam as vivências da sexualidade.

No cotidiano da escola existem vários hábitos que acabam promovendo desigualdades de gênero e de diversidade sexual, tornando um ambiente que deveria ser agradável, repleto de injustiças e exclusões, em contraponto podemos problematizar o exemplo da linguagem hegemônica que normatiza o masculino e o feminino, sobretudo incorporando características que inferiorizam e ocultam o feminino (FURLANI, 2013).

Sem contar nas distinções que são promovidas para distinguir os sexos, meninos possuem pênis e meninas possuem vagina (ao invés de utilizar a palavra “vulva”), apesar de comum para a nossa sociedade tal prática acaba por promover alusão a sexualidade reprodutiva, sabemos que é algo que faz parte da sexualidade humana, porém é preciso levar em consideração o enfoque predominantemente reprodutivo que tais termos carregam (FURLANI, 2013).

Com certas práticas reproduzidas na escola, me pergunto quais práticas são aprendidas fora dela, o que me remete as pedagogias e artefatos culturais nas quais esses sujeitos estão imersos, que acabam exercendo influência em suas escolhas e maneiras de pensar, vale ressaltar que tais pedagogias estão em nosso cotidiano: TV, Jornal, filmes, revistas, entre outras (COSTA; ANDRADE, 2015).

Se a escola não aborda, outros meios de informação acabam que de maneira indireta contribuindo para a produção de significados, mas o que faz o ambiente escolar ser um terreno estreito em falar sobre assuntos referentes a sexualidade? Talvez porque na maioria das vezes

o/a professor/a não se sente preparado/a em fazer intervenções em determinadas situações, recorrendo a outros/as colegas profissionais, como os/as psicólogos/as (SEFFNER, 2014).

Ou ainda, seria pelo fato de que na maioria vezes em que o tema sexualidade aparece, é somente quando ocorre algum problema na escola, disseminando discursos de prevenção ao ato sexual, mostrando fotos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) que causam espanto em todos/as? Em detrimento dessa abordagem biológico-higienista da sexualidade, cabe destacar que existem outras formas de intervenções, à exemplo dos filmes que podem ser relacionados às temáticas sexualidade e gênero, além disso acima de tudo essa abordagem na escola deveria ser contínua e sistemática.

Quanto a abordagem de sexualidade na escola Seffner (2014) argumenta que a escola peca em abordar somente uma identidade sexual que é tida como hegemônica, ou seja, aquelas consideradas minorias, reforçando um modelo de hegemônico de sexualidade sustentando a heteronormatividade. Segundo Junqueira (2012), a heteronormatividade coloca a heterossexualidade como algo legítimo, e as outras identidades sexuais como anormais. Britzman (1996) argumenta que a heteronormatividade consiste em persistir na ideia de uma sexualidade normatizadora, reforçada por discursos que representam os homossexuais e outras identidades sexuais como desviantes.

Ademais, algo pertinente a ser problematizado e que é considerado a base que rege as normas do âmbito escolar, o currículo escolar. Nesse percurso, considero relevante a problematização que Benícia Silva e Paula Ribeiro (2009) fazem:

Nesse artefato, assim como nos livros didáticos, a sexualidade é abordada a partir de discursos biologicistas constituídos por pedagogias que vem funcionando como estratégias para o controle dos comportamentos dos indivíduos -“use camisinha”, “não transe”, “cuide de seu corpo”, “conheça os métodos anticoncepcionais”, “Aids mata”... (SILVA; RIBEIRO, 2009, p.523).

Além de ser considerado um artefato cultural que age diretamente nas instâncias de ensino formal, o currículo carrega um enfoque no que chamamos de “determinismo biológico”, no qual o saber científico é utilizado para responder todas as questões referente à sexualidade, de certa maneira a mesma é naturalizada, fazendo da construção dos sujeitos algo universal (SILVA; RIBEIRO, 2009).

As colocações acima me levam a entrar em reflexão sobre como existem fortes relações de poder no âmbito da sexualidade e suas formas de abordagem no currículo, é como se o objetivo principal fosse disciplinar os corpos, para que assim todos/as venham a seguir um

determinado padrão, nada pode fugir das normas estabelecidas, levando a considerar sexualidade, poder e currículo, elementos diretamente relacionados.

Quanto a sexualidade e poder, Foucault argumenta que:

Não se deve descrever a sexualidade como um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade, a um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeitá-la e muitas vezes fracassa em dominá-la inteiramente. Ela aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder; entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população. Nas relações de poder, a sexualidade não é um elemento rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalização: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação as mais variadas estratégias (FOUCAULT, 2015, p 114).

Segundo Foucault, o poder não é considerado uma instituição e nem assume um papel estrutural ou de potência dado a alguém, trata-se de uma relação de caráter complexa em uma determinada instância cultural (FOUCAULT, 2015). “O poder está em toda parte, não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 2015, p.89).

Quanto as relações de poder, Foucault argumenta:

relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimento, relações sexuais), mas lhes são imanentes; são os efeitos imediatos das partilhas, desigualdades e desequilíbrios que se produzem nas mesmas e, reciprocamente, são as condições internas dessas diferenciações; as relações de poder não estão em posição de superestrutura, com um simples papel de proibição ou de recondução; possuem, lá onde atuam, um papel diretamente produtor;” (FOUCAULT, 2015, p.102).

É importante ressaltar que onde existe poder há resistência, independente da situação do sujeito, sempre serão encontrados pontos de resistência, em contrapartida tais sujeitos são livres, podendo a relação de poder ser desfeita, o que diferencia poder de violência desconstruindo qualquer tipo de dualismo (FOUCAULT, 2015). É também importante salientar que nas relações de poder também existem aprendizados, diferentes conhecimentos e campos de saber também são disseminados por instituições sociais, como a escola. (MEYER, 2014). O saber pode ser considerado como um agente que possibilita o poder, não existindo relação de poder sem produção de saber (FOUCAULT, 2015).

Diante das problemáticas expostas, considero pertinente problematizar o ensino de Biologia e seus pressupostos biológicos. Como futuro professor de Biologia, que por sinal é tida como a disciplina alvo de muitas perguntas norteadoras referentes à sexualidade, pergunto-me quanto a preparo de alguns profissionais para suprir tais demandas no ambiente escolar, já que muitos alegam não estarem aptos/as para perguntas referentes a sexualidade, defendendo o argumento de que o livro didático pode suprir as perguntas dos alunos/as (BARCELOS; JACOBUCCI, 2011).

Apesar da biologia também ter uma dimensão filosófica e sociológica, percebo que muitos cursos de licenciatura não fornecem o devido suporte na formação dos/das futuros/as professores/as. Quando é necessário abrir mão do biológico e enfatizar o cultural o docente se depara com um grande obstáculo quanto a temas ligados a gênero e sexualidade (SOUZA; DINIS, 2010).

É necessário desconstruir esse embate biologizante que ainda prevalece não só no curso de licenciatura em biologia, mas em outras áreas de ensino. Penso que se temáticas relacionadas a gênero e sexualidade fossem trabalhadas durante a formação docente, poderíamos fazer da escola um ambiente mais agradável, afinal de contas ela sempre foi palco da diversidade, temáticas como gênero e sexualidade sempre estiveram nela, por mais que muitos ainda insistam em ocultá-las.

3. OBJETIVOS

Considero o cinema um objeto de estudo passível para discussão, além de retratar assuntos que repercutem em nossa sociedade, é possível também problematizar os modos como determinados temas são representados, bem como podem contribuir para a (des)construção de ensinamentos para o público que as assiste. Nessa lógica, aponto os objetivos que orientaram esta pesquisa.

3.1. Geral:

- Analisar os modos de produção cultural de representações acerca de sexualidade e gênero nos filmes e sua relação com as concepções de estudantes.

3.2. Específicos:

- Problematicar o modo como sexualidade e gênero são representados nos filmes *Tempestade de Verão-2004* e *Tomboy-2012*;
- Relacionar as concepções dos/as estudantes acerca dos filmes com as representações de sexualidade e gênero.

Para atender, de alguma forma, os objetivos desta pesquisa, foi necessário percorrer um percurso metodológico que envolveu (des)aprendizados para a produção do material empírico a partir da articulação entre cinema e escola, visando problematizar as representações sobre sexualidade e gênero nos filmes *Tempestade de Verão-2004* e *Tomboy-2012*.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

O cinema e suas representações entram em cena, o público alvo foram alunos/as de uma escola da rede pública do município de Aracaju/SE. Foram utilizados dois filmes: *Tomboy-2012* abordando identidade de gênero, e *Tempestade de Verão-2004* com o tema identidade sexual. Os filmes foram exibidos com o objetivo de gerar um diálogo acerca das representações de sexualidade e gênero em articulação com as concepções dos/das estudantes e suas vivências no cotidiano escolar.

Na perspectiva pós-estruturalista adotada nesse estudo, não existe um método de pesquisa fixo para produção do material empírico, podem ser trilhadas diferentes possibilidades de pesquisa, o fixo é deixado de lado, dando ênfase as novas maneiras de conduzir os procedimentos de investigação e de análise acerca do objeto a ser estudado (MEYER; PARAÍSO; 2014).

A produção do material empírico foi de caráter qualitativo, Godoy argumenta que:

Segundo essa perspectiva um fenômeno pode ser compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Portanto o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas neles envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes (GODOY, 1995, p.21).

Em complemento, “a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida” (FLICK, 2009, p.20). Esse caráter de pesquisa nos permite analisar fenômenos que correm no âmbito social, considerando as práticas de significação cultural e as relações entre indivíduos e grupos (FLICK, 2009).

Os procedimentos de investigação envolveram análise fílmica bem como entrevistas coletivas com estudantes do ensino médio, através da exibição dos filmes *Tomboy* e *Tempestade de Verão*, após a exibição dos respectivos foi iniciada uma discussão a partir de um roteiro com questões abertas e em seguida os/as estudantes tiveram a liberdade para expressar suas opiniões quanto as temáticas sexualidade e gênero, observando as convergências e divergências acerca das abordagens fílmicas.

O processo de escolha dos filmes se deu em um levantamento na busca por obras cinematográficas com temáticas LGBT, os mesmos foram categorizados por ano de lançamento, país de origem, duração, idioma, faixa etária indicativa (considerando a idade dos/as participantes) e temática central. Dessa forma, chegamos aos dois filmes: *Tempestade de Verão-2004* e *Tomboy-2012* que contemplavam as temáticas identidades sexuais e de gênero.

O processo de análise fílmica consistiu em selecionar as cenas com maior potencial de impacto para posteriores perguntas durante a etapa de entrevista coletiva, para um detalhamento mais produtivo foram marcados em tempo preciso as principais cenas escolhidas para compor o questionário, que foi validado pela orientadora da pesquisa especialista nas temáticas sexualidade e gênero. Foi de suma importância construir esse material empírico com o objetivo de analisar as consonâncias e/ou discordâncias entre análise feita do filme e as falas dos/das participantes acerca das temáticas sexualidade e gênero discutidas nos filmes exibidos.

Na perspectiva teórica adotada, as entrevistas são compreendidas como instrumento de produção empírica sobre o objeto de estudo que envolve expectativas e representações, tanto da parte do/a entrevistador/a (ao formular o roteiro com as questões) quanto do/a entrevistado/a ao responder ou não as questões propostas. Desse modo, compreende-se a “a entrevista como uma construção entrevistador-entrevistado, cultural e socialmente situada” (SILVEIRA, 2007, p.133).

A entrevista pode ser utilizada quando se pretende realizar uma análise acerca de crenças e valores que norteiam determinadas instâncias socioculturais, quando bem executado esse método de pesquisa possibilitará entrar de maneira profunda nos relatos dos/as participantes, contribuindo para uma melhor compreensão quanto ao que acontece no interior de cada grupo (DUARTE, 2004).

Nesse caso, foram realizadas entrevistas coletivas ou grupais para facilitar a interação entre os/as participantes e ampliar o leque de respostas, favorecendo a produção de múltiplos sentidos sobre as representações de sexualidade e gênero nos filmes para analisar o modo como esses artefatos culturais ensinam sobre as identidades sexuais e de gênero a partir de (des)aprendizados.

As entrevistas coletivas consistem em direcionar perguntas a cada membro do grupo, impulsionando a participação de todos/as participantes, assim essa técnica favorece a obtenção de diversas respostas acerca de uma mesma pergunta. Embora, possa haver interação entre os/as participantes, o objetivo maior consiste em observar as convergências e/ou divergências entre os indivíduos sobre determinada temática (DAL’IGNA, 2011).

Após a realização e gravação das entrevistas coletivas, foi feita a transcrição literal das falas e a partir de uma (re)leitura atenta, foram selecionadas as principais falas dos/as participantes que teriam maior potencial produtivo para a problematização quanto às temáticas sexualidade e gênero, considerando a questão das identidades sexuais e de gênero expressas

nos filmes, ao analisar as consonâncias e discordâncias observadas nas falas dos/as participantes e na análise feita anteriormente das obras cinematográficas.

Como procedimento analítico, utilizaremos análise cultural que constitui um modo de descrever o artefato (nesse caso, os filmes) de maneira atenta e detalhada, pois esse processo descritivo permite visualizar aspectos importantes acerca das ferramentas conceituais (sexualidade e gênero), indicando as múltiplas relações, representações e os sentidos produzidos a partir das pedagogias culturais (MEYER, 2008; WORTMANN, 2007). Essa forma de análise favorece a valorização das experiências cotidianas, reconhecendo a cultura como uma instância educativa que excede os limites do espaço escolar (WORTMANN, 2007).

Para Silva (2015, p.134) “a análise cultural parte da concepção de que o mundo cultural e social torna-se, na interação social, naturalizado: sua origem social é esquecida. A tarefa da análise cultural consiste em desconstruir, em expor esse processo de naturalização”.

A análise cultural foca seu interesse em uma ótica mais precisa dos objetos que são produzidos por intermédio das práticas sociais. Nessa direção, a linguagem assume um importante papel na produção de sentidos e signos que constituem as representações focalizadas pela análise cultural, logo não se trata de objetos naturais, mas de elementos construídos a partir de múltiplos marcadores sociais (SILVA, 2010), como sexualidade e gênero. Além disso, ao assumir pesquisa utilizando análise cultural é necessário ficar atento quanto ao modo em que os discursos são construídos, englobando visões do mundo social e cultural e como os indivíduos são posicionados nas relações de poder (WORTMANN, 2007).

Segue uma breve descrição dos filmes a serem utilizados:

Filme	Duração	Ano	Sinopse
Tomboy	1h22min	2012	<p>Laure (Zoé Héran) é uma garota de 10 anos, que vive com os pais e a irmã caçula, Jeanne (Malonn Lévana). A família se mudou há pouco tempo e, com isso, não conhece os vizinhos. Um dia Laure resolve ir na rua e conhece Lisa (Jeanne Disson), que a confunde com um menino. Laure, que usa cabelo curto e gosta de vestir roupas masculinas, aceita a confusão e lhe diz que seu nome é Mickaël. A partir de então ela leva uma vida dupla, já que seus pais não sabem de sua falsa identidade.</p> <p>Fonte: http://www.adorocinema.com/filmes/filme-188840/</p>

Tempestade de Verão	de	98 min	2004	Tobi (Robert Stadlober) e Achim (Kostja Ullmann) são dois garotos bastante populares. Amigos desde a infância, acreditam que nada seria capaz de ficar entre sua amizade. Eles estão ansiosos pelas férias de verão, quando vão ao acampamento. Quando um grupo de homossexuais chega no acampamento direto de Berlim, Tobi começa a ficar confuso em relação à sua orientação sexual. Fonte: https://filmow.com/tempestade-de-verao-t12490/
---------------------	----	--------	------	--

Esse estudo contou com a participação de 10 alunos/as de uma escola da rede estadual de ensino, localizada em Aracaju-Sergipe, que contribuíram para produção de informações acerca de sexualidade e gênero, considerando as representações que o cinema focaliza. Durante a realização do campo na etapa que consistiu em convidar os alunos/as a participarem da pesquisa, foi possível notar que as meninas eram mais receptivas em participar, em contrapartida os meninos foram mais tímidos, o que explica a grande quantidade de meninas participantes. Na tabela a seguir pode ser visualizada a faixa etária dos/as participantes com seus respectivos nomes fictícios, gênero, religião, local onde residem e identidade sexual.

Perfil dos/as Participantes

Nome	Gênero	Idade	Religião	Residência	Identidade Sexual
Mel	Feminino	15	Católico	Aracaju	Heterossexual
Paula	Feminino	15	Evangélico	Aracaju	Heterossexual
Deborah	Feminino	17	Católico	Japaratuba	Heterossexual
Joana	Feminino	16	Evangélico	Aracaju	Heterossexual
Jade	Feminino	16	Católico	Barra dos Coqueiros	Heterossexual
Roberta	Feminino	16	Espírita	Aracaju	Bissexual
Lick	Masculino	15	Católico	São Cristóvão	Heterossexual
Frank	Masculino	16	Evangélico	São Cristóvão	Heterossexual
Letícia	Feminino	15	Não tem	Aracaju	Heterossexual
Irineu	Masculino	16	Evangélico	Aracaju	Heterossexual

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Demonstrações de afeto silenciadas no universo escolar, identidades que transcendem as barreiras das normas sexuais e de gênero, vivências e questionamentos acerca das identidades produzidas socioculturalmente foram analisadas nesse capítulo, indo ao encontro das representações dos filmes *Tempestade de Verão-2004* e *Tomboy-2012*. Como argumenta Meyer (2008), as pedagogias culturais que são impulsionadas por intermédio de artefatos culturais, não somente da mídia contemporânea bem como de outros meios, tem sido apresentado como instâncias educativas de grande potência, no que se refere a institucionalizar relações entre corpo, gênero e sexualidade.

5.1 Um olhar acerca do filme “Tempestade de Verão”: representações de identidade sexual em foco no cinema e na escola

Tendo as identidades sexuais como tema central, *Tempestade de Verão-2004* expõe a construção da sexualidade de um jovem e o seu processo de descoberta, olhares de estranheza e outros de aceitação, uma divisão de concepções que se convergem, o que podemos falar das representações trazidas pelo cinema? Com esta pergunta levamos em consideração falas de um grupo de estudantes do ensino médio de uma escola pública, as falas serão expostas e problematizadas através de quadros seguindo o roteiro de perguntas.

Pesquisador: 1- O que você achou da maneira em que a temática sexualidade foi abordada no filme?
Letícia: [...] Como a pessoa já nasce sendo hétero, existe a pessoa que já nasce sendo gay .
Roberta: [...] Acho que ele não queria ser gay entendeu, ele queria ser normal .
Frank: [...] Eu acho que a temática foi bem apresentada, porque na maioria das vezes é o que acontece na vida real, às vezes tem medo de se assumir porque pode ser excluído e essas coisas .

No filme *Tempestade de Verão-2004*, a trama se passa em um acampamento de férias, o qual proporciona a *Tobi*, um dos personagens protagonistas, um cenário favorável ao (re)conhecimento de sua sexualidade, devido as vivências compartilhadas com os outros jovens. Sendo parceiro inseparável do seu amigo *Achim*, *Tobi* acaba reconhecendo um sentimento que ultrapassa a barreira da amizade, porém por receio de rejeição acaba contendo a atração afetiva-sexual por seu melhor amigo.

O processo de reconhecimento da sexualidade do personagem *Tobi* quanto aos sentimentos expressos por seu melhor amigo *Achim* evidencia o caráter construído das identidades em nossa cultura através da imposição de significados sobre a sexualidade que direcionam para um padrão heterossexual. É importante considerar que as identidades não são dadas e nem fixas, trata-se de um processo de construção sociocultural que cada indivíduo passa no decorrer da vida (LOURO, 1997).

Em contrapartida nas falas dos/as participantes podemos destacar a busca de explicações tidas como naturalizadas, como o “nascer” sendo algo, a ligação “sujeito- sexualidade”, podemos destacar uma visão essencialista, que consiste na tentativa de elucidar os componentes de um todo complexo tendo como alusão uma certa verdade ou algo referente a essência interior do indivíduo. Esse tipo de visão acaba por minimizar a complexidade de mundo a uma mera visão simplista e imaginária das partes que as integram buscando explicar os indivíduos como meros impulsos internos (WEEKS, 2000).

Juntamente com outros adolescentes que se preparavam para o campeonato de remo, uma equipe inesperada entra para substituir um time de garotas, quando as coisas aparentavam estar tranquilas, um “obstáculo” surge entre a nova equipe e os demais jovens do acampamento, a partir do momento em que as identidades sexuais da nova equipe são reveladas. Alguns até enfatizaram: *“Ainda bem que o acampamento deles é do outro lado, boa ideia deixá-los a parte.”*

É como se os jovens gays não pertencessem mais aquele meio, corpos estranhos que não se enquadram nas normas sexuais e de gênero. A partir daquele momento um muro de diferenças é construído, como se o pensamento acerca das identidades sexuais fosse algo fixo, fazendo lembrar relações de poder que marcam as vivências dos sujeitos que não se enquadram no modelo heterossexual. Alguns grupos que assumem esse padrão hierárquico, nesse caso se referindo a heterossexualidade como a única identidade sexual tida como “normal” pela sociedade, se encontram em uma posição privilegiada para falar de si e dos outros, marginalizando identidades que diferem dessa norma (LOURO, 2000).

Essa visão heteronormativa pode ser vista na fala da participante Roberta, quando ela diz: *“ele queria ser normal”*, (referindo-se ao personagem *Tobi*), o que remete a relações de poder como uma forma de legitimar determinadas identidades. Para Foucault, o poder é exercido a partir da instauração de normas, que representa um processo de comparação, diferenciação e imposição de regras acerca das condutas dos indivíduos. Nessa ótica, a norma busca homogeneizar indivíduos e/ou grupos através da valorização de determinadas condutas,

estabelecendo hierarquias e diferenças, o que representa uma forma de classificação que demarca limites e segrega indivíduos (CASTRO, 2016).

Em uma cena do filme, pude observar o diálogo entre os personagens se referindo a nova equipe de remo e as divergências de opiniões acerca de suas identidades sexuais, como na respectivas falas: *“Mas vocês concordam que ter esses gays aqui é um saco né? Foi uma surpresa, eles podiam ter avisado antes. Ou ter costurado triângulos rosas nas camisetas?”*. O diálogo remete a um confronto entre “assumir” a homossexualidade e algo “privado” ao sujeito, é como se os jovens da trama entrassem em conflito quanto a necessidade de expor ou não a identidade sexual da nova equipe de remo.

Durante a análise das entrevistas, pude perceber que boa parte dos/as participantes utilizaram a palavra “assumir” referindo-se à homossexualidade. Nesse contexto, nas palavras de Sedgwick (2007), não se trata somente de assumir uma identidade, é necessário observar que existe uma certa discordância quanto as distinções dos termos “público” e “privado”, turbulências que assolam o âmbito contemporâneo gay. A ideia do “assumir-se” converge com a imagem do “sair do armário”, o que representa uma posição contrária a figura do armário como mantenedora de uma suposta privacidade com relação ao/a homossexual, que frequentemente sofre preconceitos e discriminações no espaço público, evidenciando a homofobia

É como se tanto para o universo fictício da trama quanto na vida real fosse uma obrigatoriedade expor a identidade sexual (homossexual), chega a ser um contraponto inquietante, pois pude perceber que os/as participantes em consonância com os significados e práticas culturais apreciaram de maneira positiva a coragem do personagem em “assumir-se”. De maneira discriminatória parece que “assumir-se” equivale somente as identidades sexuais tidas como minoritárias.

<p>Pesquisador: 2-Poderiam descrever a cena que mais chamou a atenção de vocês e explicar por quê?</p>

Paula: [...] Quando ele (*Tobi*) foi entrar no quarto, e que o melhor amigo (*Achim*) **o colocou para fora**, porque eles eram tão amigos e do nada **ele reage daquela forma**.

Joana: Eu gostei da cena do lago, que ele (*Tobi*) se sentiu acolhido por aquele grupo ali [a equipe *queer*], pois mesmo depois de ter discutido com o amigo (*Achim*), **ele se sentiu acolhido** e isso foi legal.

Diante de uma série de conflitos, o personagem *Tobi* se encontra deslocado, rejeitado pelo melhor amigo *Achim*, transparecendo que o lugar dele não é com os demais jovens com identidades sexuais que se enquadram na norma hegemônica heterossexual. Sendo assim acolhido pelos jovens gays da nova equipe de remo. As falas das participantes me instigam a problematizar a homofobia como uma série de preconceitos (sutis ou manifestos) e discriminações, não somente contra homossexuais, mas contra todos os sujeitos que possuem identidades sexuais e de gênero destoantes do perfil heteronormativo (SOUZA, 2015).

Como é notório estamos imersos na diversidade, que acaba nos diferindo em vários aspectos sejam eles socioculturais, econômicos, políticos, físicos ou até mesmo sexuais. Porém é necessário problematizar até que ponto essas diferenças podem ser utilizadas para justificar a exclusão ou inferiorização de determinados grupos, no que se remete a diversidade sexual é preciso ter cautela para não incorporá-la de maneira redutível como sinônimo de desigualdades sociais, pois é de suma importância compreender a sexualidade e as múltiplas identidades como “produtos culturais” (SOUZA, 2015).

É necessário compreender também que o conceito de homofobia não se restringe somente na ação “sujeito-homossexual”, já que engloba aspectos culturais, educacionais e políticos (JUNQUEIRA, 2009; RIOS, 2009). O termo homofobia é bem mais abrangente, não se resumindo somente a rejeição ou atitudes de ódio contra gays, lésbicas, podendo destacar a homofobia em duas faces, como argumenta Borrillo (2009):

Outras manifestações menos grosseiras, mas não menos insidiosas, exercem suas violências cotidianamente. Essa outra face da homofobia, mais eufemística e de caráter social, tem suas raízes na atitude de desprezo constitutiva da forma ordinária de temer e categorizar o outro. Se a homofobia afetiva (psicológica) se caracteriza pela condenação da homossexualidade, a homofobia cognitiva (social) pretende simplesmente perpetuar a diferença homo/hetero, pregando a tolerância, uma clemência policiada dos ortodoxos para com os hereges. Nesse caso, não há rejeição aos homossexuais; no entanto, não choca ninguém o fato de eles não gozarem dos mesmos direitos que os heterossexuais (p.20).

Na cena em que *Tobi* foi desprezado pelo melhor amigo *Achim*, podemos notar a influência de sistemas dominantes de representação que determinam a produção de significados culturais sobre a sexualidade envolvidos no modo como vivenciamos ou lidamos com as identidades sexuais (SILVA, 2014). Essas representações favorecem uma sexualidade

hegemônica e fundamentam a homofobia, que acaba por cultivar um saber sobre a diversidade sexual sustentado por preconceitos sutis ou manifestos que limitam as identidades sexuais (SOUZA, 2015).

Enquadrado em posições marginais, o homossexual é estigmatizado pela norma social como algo bizarro, que provoca estranhamento simplesmente por vivenciar a sexualidade com pessoas do mesmo sexo, em contraponto a cena em que a equipe *queer* acolhe o jovem *Tobi* nessa fase de reconhecimento da homossexualidade, indica que esta identidade é tão autêntica quanto a heterossexualidade a depender do contexto e grupo social em que as pessoas estão inseridas (BORRILLO, 2009).

Sobre a homossexualidade, Borrillo (2009) acrescenta:

De fato, ela não é mais que a simples manifestação do pluralismo sexual, uma variante constante e regular da sexualidade humana. Na condição de atos consentidos entre adultos, os comportamentos homoeróticos devem ser protegidos como qualquer outra manifestação da vida privada (p.16).

Que representações acerca da homossexualidade são veiculadas em distintos cenários socioculturais (como a escola e o cinema)? De que modos tais representações afetam a vida de jovens gays (como o personagem *Tobi* e tantos outros jovens que frequentam o ambiente escolar)? Discutir sobre a homossexualidade na escola demanda reconhecê-la como uma das possibilidades de vivenciar a sexualidade, que engloba múltiplos fatores e significados culturais produzidos ao longo da vida, assim nossas identidades sexuais não se resumem somente a um único modelo hegemônico heterossexual.

Pesquisador: 3-Quando os jovens da equipe de remo revelam ser gays, o que vocês poderiam comentar sobre a reação das demais equipes?

Letícia: Eles ficaram abismados né? **Porque eles acharam que o outro grupo era heterossexual, por eles parecerem muito másculos**, malhados e tal, mas isso não tem nada a ver, como tem gays que são magrinhos, tem outros que são muitos fortes [...]. E acho que envolve todo um machismo, perder para meninas é ruim e para gays pior ainda.

Frank: Tipo, eles **trataram com muita inferioridade, com muito preconceito** e tipo: “se eu perder para um time que é gay?”. Então, eles pensaram que iria ser muita vergonha... por conta da inferioridade mesmo [...]

As falas do/da participante me levaram a problematizar essa política de identidades na qual estamos imersos, sempre procurando identificar os sujeitos, porém quando os corpos não conseguem ser lidos com facilidade e começam a fugir da chamada “naturalidade”, questionamentos passam a ser levantados como “Quem é você?” ou “O que você é?” (BRITZMAN, 1996).

Do ponto de vista da universalidade ao menos que haja uma certa discordância, espera-se que todo mundo seja ou deveria ser heterossexual, desse modo tanto a heterossexualidade quanto a homossexualidade são estigmatizadas por rígidos binarismos de gênero. Por outro lado, a identidade é composta por mais elementos do que se imagina, logo os sujeitos não conseguem viver suas identidades de forma hierarquizada e estereotipada (BRITZMAN,1996).

A partir do comentário de Letícia sobre o filme *“perder para meninas é ruim e para gays pior ainda”* é possível relacionar com representações de gênero que atribuem determinadas características (qualidades, defeitos, comportamentos) a homens ou mulheres, caracterizando uma forma de homofobia que segrega e tenta encobrir as fronteiras de gênero (BORRILLO, 2009; MEYER, 2004; WELZER-LANG, 2001).

Podem ser ouvidos comentários equivocados entre os personagens do filme como: *“Aqueles que odeiam gays, normalmente são gays e nem sabem? Eu tô ficando louco ou...eu virei gay agora?”*. Em contrapartida, é necessário refletir sobre as representações relativas às identidades sexuais que envolvem significados, símbolos e sentidos estabelecidos a partir da cultura e da linguagem, visando compreender que a sexualidade é construída e pode ser mutável ao decorrer da vida (LOURO,1997). As falas dos jovens do acampamento direcionam a homossexualidade da equipe *“queer”* para uma ótica do desvio, ao considerar que a heterossexualidade representa algo fixo e “fechado”, tal lógica defende que esta poderia ser atribuída a qualquer indivíduo, portanto os que não se enquadram nesse modelo são considerados desviantes, simplesmente por terem se afastado da norma heterossexual (LOURO,1997;2000), o que pode ser visualizado na expressão *“virei gay”*. Ainda sobre a identidade sexual Britzman (1996), complementa que é algo que apresenta uma construção instável, de caráter mutável e volátil, como se houvesse uma relação de contradição e não finalização.

Diante de tantas diferenças, é importante falar de como esse processo de construção ocorre, identidade e diferença são palavras que norteiam a nossa sociedade, estabelecendo uma relação entre o que somos e o que os outros são, apesar de não serem a mesma coisa, uma depende da outra para existir, considerando-as inseparáveis (SILVA, 2014). Com relação as identidades e diferenças sexuais podem ser visualizadas mudanças e ambiguidades que permeiam esse processo de construção, nessa direção:

A identidade e a diferença não são entidades preexistentes, que estão aí desde sempre ou que não passaram a estar aí a partir de algum momento fundador, elas não são elementos passivos da cultura, mas têm que ser constantemente criadas e recriadas. A identidade e a diferença têm a ver com a atribuição de sentido ao mundo social e com disputa e luta em torno dessa atribuição (SILVA, 2014, p.96).

As identidades sexuais são alvos de distintos preconceitos baseados numa noção arbitrária de essência que se contrapõe ao caráter ativo da cultura. O preconceito, atrelado a ideia de inferioridade aparece em uma das frases do quadro acima, nesse sentido cabe informar que o preconceito possui duas formas de expressão: manifesta e sutil. O preconceito manifesto consiste em um modo direto de expressar atitudes negativas, acerca de determinados indivíduos e grupos sociais. Enquanto o preconceito sutil é representado de forma disfarçada através de concepções essencialistas acerca de indivíduos ou grupos inferiorizados (SOUZA, 2015). “Assim, embora possam manter certo contato e tolerância, os discursos referentes ao preconceito sutil deixam latente que os sujeitos estão agindo de maneira inapropriada e condenável no contexto social, pois não possuem os valores adequados” (SOUZA, 2015, p.20).

As hierarquias que tentam enquadrar indivíduos e grupos em nossa sociedade através de julgamentos prévios, construindo representações estereotipadas e por fim inferiorizando aqueles que não obedecem a determinados padrões sociais. É possível observar que os/as participantes também carregam muitas dessas representações para o seu cotidiano, o que intensifica preconceitos acerca das identidades sexuais e de gênero.

<p>Pesquisador: 4- Vocês conseguem levar a temática do filme para vivências do ambiente escolar?</p>
<p>Frank: [...] Acontece na escola mais a parte do <i>Tobi</i>, aquela pessoa que não tem coragem de se assumir, tem alguns que é difícil ver aqui na escola, mas tem alguns que não têm medo de se assumir, que agem naturalmente como eles mesmos, mas na escola eu acho que é mais [...] medo de se assumir, tem medo de serem zoados.</p>
<p>Joana: Agora no momento sim, porque desde que eu entrei no colégio, comecei a ver tanta coisa, a presenciar tanta coisa, agora eu acho normal. Agora quando saio da porta da escola para lá é totalmente diferente, tanto para quem é gay ou lésbica quanto para mim porque dentro do ambiente de casa, da família acho que eles não vão se assumir, acho que na escola aqui no colégio mesmo é tudo mais liberal, acho que eles ficam mais à vontade.</p>
<p>Letícia: Acho que o colégio X é um pouco diferente porque é uma escola que não tem pessoas só daqui do Bairro, de Aracaju, é de Sergipe, e na verdade tem até gente de fora, de outros estados, em outras escolas públicas e de rede particular são mais de bairro, e aqui não, é bem variado, então é mais fácil e tem muitas salas. Então, é mais fácil ter pessoas diferentes que já vivem muita coisa, como tem gente com preconceito, tem muitas que não tem.</p>

As frases expostas acima sinalizam a presença marcante da diversidade sexual na escola.

Souza (2015) argumenta:

A diversidade de indivíduos que a escola abriga pode contribuir para o aprendizado, pois as experiências e vivências dos “outros” podem possibilitar o crescimento e o amadurecimento pessoal e intelectual dos/as jovens. Com efeito, a diversidade sexual que permeia o ambiente escolar pode constituir um instrumento enriquecedor, ao passo que possibilita destacar as múltiplas dimensões e vivências das sexualidades e dos gêneros (p.52).

Numa tentativa de relacionar as cenas exibidas no filme *“Tempestade de Verão”* com as vivências escolares acerca das sexualidades, os excertos acima indicam, de maneira contraditória, tanto os preconceitos que alimentam o *“medo de se assumir”*, *“de serem zoados”*, *“de agir naturalmente”* quanto a ideia de um cenário escolar mais *“liberal”* em comparação com o ambiente familiar. Seria a escola um espaço *“mais liberal”* para a diversidade sexual? Talvez, a escola possibilite uma certa liberdade individual e/ou coletiva, principalmente quando consideramos os arraigados valores familiares, porque como nos lembra Louro (1997), a escola é o lugar onde as diferenças se encontram, porém também representa um espaço de exclusões, marginalizações e preconceitos.

É importante enfatizar que embora a escola abrigue sujeitos que contemplam diversas vivências acerca da sexualidade e distintas experiências construídas a partir das representações de masculinidade e feminilidade, o alicerce escolar heteronormativo está embasado em contextos socioculturais que estabelecem oposições binárias e com frequência acabam segregando, excluindo e demarcando as posições daqueles/as que não se enquadram nos padrões hegemônicos (SOUZA, 2015). Conforme, Louro (1997) ressalta:

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos "fazem sentido", instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos (p.58)

Por outro lado, em uma escola com uma educação e pedagogias voltadas à problematização de relações de poder, representações e discursos hegemônicos acerca das identidades, é possível reconhecer *“as fronteiras culturais”* que permeiam a sexualidade, nessa direção o cenário escolar seria, de fato, favorável ao acolhimento da pluralidade de indivíduos (BRITZMAN, 1996).

As cenas comentadas a seguir, destacam a potência dos filmes e outros artefatos culturais para problematizar representações hegemônicas acerca de sexualidade e outros temas que invadem o ambiente escolar, provocando curiosidades e dúvidas, principalmente aos/as jovens estudantes.

Pesquisador: 5- Vocês podem comentar as cenas descritas a seguir? E contarem se já presenciaram situações parecidas vivenciadas na escola?

- Na cena em que *Tobi* e *Achim* estão na barraca ocorre o seguinte diálogo:

-Você fechou a barraca? De repente vai que esses gays passam, e quem sabe né?
 -Você acha que dá para ser amigo deles?
 -Por que não?

-Contanto que não queiram nada comigo?
 -E se um deles se apaixonar você?
 -Aí teríamos um problema, não seria recíproco.
 -Talvez nem eles saibam disso.
 -Eu nunca pensaria que eram gays, eles não parecem ser.

Letícia: [...] eu mesma não consigo entender o porquê essas pessoas ficam dessa forma quando um gay, uma lésbica elogia eles ou algo do tipo. [...] **Porque tem meninos que dão em cima de meninas, como meninas que dão em cima de meninos, por que um gay e uma lésbica não pode?** Isso não é por eles serem dessa forma, é consciência de cada um, não é por eles serem gays ou lésbicas que vai ter esse preconceito, se for para ter preconceito com eles que tenha com os heteros também, então não acho que tenha necessidade da pessoa se sentir ofendida, até certo ponto claro.

Mel: [...] é uma **coisa normal é questão de gosto** né? [...] Se acontecesse eu não me sentiria como ela falou “ofendida” é uma pessoa do mesmo sexo que eu, eu levaria normal.

Jade: [...] nunca achei estranho né? **Normal...**

É visível que a questão da “normalidade” reaparece nas falas das estudantes. As identidades sexuais que diferem do padrão heterossexual costumam ser consideradas “estranhas” no ambiente escolar, principalmente em decorrência do silenciamento acerca da homossexualidade e das outras formas de vivenciar os desejos afetivos-sexuais. Chega a ser contraditório porque embora essa temática não seja discutida, de modo planejado, na escola “[...] a vigilância e a censura da sexualidade orientam-se, fundamentalmente, pelo alcance da “normalidade” (normalidade essa representada pelo par heterossexual, no qual a identidade masculina e a identidade feminina se ajustam às representações hegemônicas de cada gênero). [...]” (LOURO, 1997, p.80).

A escola é rodeada por normas regulatórias acerca de sexualidade (e também de gênero) que se espalham por toda parte, desde os espaços como salas de aula e pátios, até as vivências de professores/as e alunos/as contagiados/as por representações culturais que produzem significados, verdades e regras sobre as identidades sexuais e de gênero. As normas ensinam um modo “correto” de vivenciar a sexualidade, ou seja, a heterossexualidade é “a norma”, a identidade considerada “normal”, enquanto a homossexualidade costuma ser relegada às margens desse espaço (LOURO, 2017).

Nesse cenário, Seffner (2014) destaca que a “[...] sexualidade é campo de conhecimento e disputa política, ligada ao que é tido como normal e ao que é tido como desvio. A escola poderia discutir a norma, com tanta ênfase quanto discute suas variações ou “desvios”.” (SEFFNER, 2014, p.74).

Os argumentos das participantes referente a cena do filme, possibilitam problematizar a questão dos padrões de normalidade e das construções de estereótipos que são construídos socioculturalmente, é como se existisse uma frequente necessidade de ler e identificar os

sujeitos, os enquadrando em normas estabelecidas, ou em caso de oposição são direcionados para posições marginais.

Pesquisador: 5- Vocês podem comentar as cenas descritas a seguir? E contarem se já presenciaram situações parecidas vivenciadas na escola?

- Diálogo entre amigos da nova equipe de remo.

-Vocês dois parecem Mary Kate e Ashley, todos desmunhecados,

-Precisam mesmo disso?

-Cada um é cada um, não é?

-Eu não quis dizer isso.

-Mas vocês realmente parecem duas garotinhas.

-E você também não tem um lado feminino?

-Sim, mas eu sou controlado

Deborah: Não expõe o que você é, que você vai deixar de ser gay, ou não, **guarde para você, o que você é [...]**

Letícia: Eu acho que é relativo, tem uns que são assim mesmo, é a forma da pessoa ser, que **são chamativos**, outros mais quietos [...] **tem gente que já tem preconceito aí vindo isso aumenta mais ainda [...]**

Joana: **Preconceito entre eles** assim, de um gay chegar para outro e dizer que **você é muito afeminado** eu nunca vi não, agora de **heterossexuais dizerem isso com gays** já, e muito.

Jade: [...] eu acho que **você pode ser gay só que até um certo ponto**, você pode ser o que quiser, que **não pode chamar muita atenção.**

Irineu: Tipo, cada um tem seu jeito mesmo, mas tem limite, **cada coisa tem sua hora**, é isso mesmo só.

Ao comentarem a cena do filme em que aparece as palavras “desmunhecados” e “garotinhas” para se referirem aos homossexuais, podemos notar que os/as estudantes também utilizam expressões como “muito afeminado” e “são chamativos” para nomearem os gays que não exibem “os atributos” considerados masculinos, tais excertos remetem aos preconceitos e estereótipos acerca de pessoas homossexuais.

Nesse sentido, o estereótipo consiste em uma forma de minimizar a complexidade do indivíduo a um conjunto de signos, apenas algo necessário para lidar com a presença do sujeito, sem considerar as singularidades que nos constituem. Em uma determinada ótica, o estereótipo pode ser visto como uma forma de representação, pois a partir dele o sujeito é representado por uma forma simplista de condensação em que se conectam processos de simplificação, generalização e homogeneização. Entretanto, na análise cultural, o interesse volta-se para as dimensões discursivas, textuais, institucionais da representação, não importando a ótica individual ou psicológica focalizada na noção de estereótipo, mas principalmente vale problematizar o modo como são produzidos significados e relações de poder (SILVA, 2010) acerca de sexualidade e gênero em distintos espaços, como a escola e o cinema.

É necessário explicar que a existência da homofobia liberal envolve um tipo de preconceito sutil, encoberto, caracterizado por uma “suposta” aceitação das pessoas homossexuais, acabando por possibilitar uma suposta existência das mesmas, contanto que não manifestem posturas que estejam em posições contrárias as normas sexuais e de gênero estabelecidas em espaço público. Embora existam certos discursos de tolerância à diversidade sexual, tal feito é exercido de uma maneira que contempla a integridade da “norma”, de forma aparente, mais precisamente em público (BORRILLO, 2009).

A cena comentada pelos/as participantes, possibilita problematizar a questão da tolerância velada que acaba por contribuir para a manutenção de uma norma, até que ponto determinadas posturas são tidas como “normais”? O filme contribuiu para dar visibilidade a certos atos do cotidiano que acabam por impor regras, disciplinando os corpos.

Pesquisador: 5- Vocês podem comentar as cenas descritas a seguir? E contarem se já presenciaram situações parecidas vivenciadas na escola?

Tobi é acolhido por um garoto da equipe “Queer”:

-O que está fazendo aqui?

-Aqui, vista algo seco.

-Obrigado!!

-Como foi com você?

-Não posso dizer que foi fácil, mas depois ficou melhor.

-Mas se você se esconde a sua vida toda, você se perde.

Paula: Eu já vi muitos gays que só andam com pessoas que são heterossexuais, então acho que tem gente que não só aqui nessa escola, mas em outras, que **acabam não se assumindo para agradar as pessoas que estão ao seu redor**, como se fosse...**com medo das pessoas acabar se afastando por ela ser gay, bi...**

Roberta: [...] ele só queria ajudar porque ele sabe também como foi difícil para ele, **na vivência escolar acho que eu não vejo muito esse lado de ajudar alguém a assumir** o outro aqui na escola, **com todo esse preconceito aqui na escola é difícil.**

Deborah: Tipo, a sociedade impõe certa coisa e você tem que seguir aquilo, ele tinha medo, tipo, de passar dos limites da sociedade e isso afetar ele de alguma forma, aí ele guardava isso para ele, e como aquele outro já tinha passado por aquilo, foi difícil, mas a sociedade começa a aceitar porque mesmo que a gente não queira, a gente tem que aceitar uma hora ou outra, tipo, **você não é obrigado a gostar, mas aceitar você vai ter que aceitar. Então, é mais essa questão, ele só estava seguindo o que a sociedade impôs ele a seguir.**

Nas falas das participantes é possível observar que houve um certo direcionamento quanto a cena exibida no filme e o cotidiano escolar, como a questão de assumir uma identidade sexual que não segue a norma heterossexual, o silenciamento seguido do medo e exclusão desses sujeitos no ambiente escolar.

As falas me levam problematizar os sujeitos e as vivências no ambiente escolar, é possível observar uma sobreposição quanto aquilo que pode ser ouvido pelos sujeitos e o que

não é dito por eles, como é argumento por Louro (1997), deixando de lado o que é expresso, o que parece ser mais importante são as características silenciadas, muitas vezes por não estarem dentro de normas que são atribuídas ou simplesmente por não poderem ser lidas facilmente. Um grande exemplo acerca desses silenciamentos refere-se às pessoas que não obedecem as normas sexuais, como a identidade sexual (homossexual) e a sua ocultação pela instituição escolar, o fato de não se falarem sobre tais identidades reforça a pretensão de que talvez queiram eliminá-las ou espera-se que os/as alunos/as “normais” não conheçam tais vivências. A rejeição dos/as homossexuais no usualmente normatizador espaço escolar acaba por restringi-los atos de inferiorização durante práticas educativas ou até mesmo nos corredores em momentos de socialização, contribuindo desse modo para que jovens gays e lésbicas acabem por se reconhecer como desviantes, sendo alvos de grande exclusão.

Diante de tanta diversidade que deveria ter visibilidade na escola, nos deparamos com padrões de aceitabilidade e indivíduos que são marginalizados por não estarem dentro das “normas”, como se fosse algo estranho, o “*queer*” remete a um movimento, algo que destoa e por essa maneira lhe é dado um tom perturbador. Além de uma identidade, *queer* remete a uma maneira de estar no mundo (LOURO, 2017).

A cena possibilitou levar à tona a constante exclusão dos sujeitos no ambiente escolar, tendo que omitir suas identidades por não obedecerem as normas sexuais e de gênero impostas pelas instituições de ensino, as participantes em seus argumentos levaram a refletir sobre quantos alunos/as podem sofrer a mesma exclusão que o personagem do filme *Tobi* passou.

5.2 Ele ou Ela? Reflexões sobre as representações de identidade de gênero no filme “Tomboy-2012”

A identidade de gênero entra em cena no filme *Tomboy-2004*, o intrigante processo de descoberta do/da personagem na tentativa de romper com a dualidade entre sexo e gênero, a trama foi exibida para um grupo de alunos/as visando estimular questionamentos relacionados as vivências no ambiente escolar.

Pesquisador: 1. Vocês conseguem relacionar a temática do filme com o cotidiano escolar de vocês?

Mel: [...] Ela era **transgênero e lésbica**, mas aqui na escola eu acho que ninguém viu não né? Algo do tipo

Deborah: Tem sim

Entrevistador: Você pode falar um pouco sobre isso?

Deborah: [...] é só que tem sim uma relação com a escola, **é porque tem uma amiga nossa** que ela é transgênero lésbica.

Entrevistador: Ela estuda aqui ainda?

Deborah: Estuda.

O filme francês *Tomboy-2012*, nos leva a conhecer o mundo da personagem Laura/Michael, e o processo de construção de sua identidade como um garoto. De acordo com os estudos de gênero, sabemos que características biológicas não são relevantes para o que pensamos de si. Sexo biológico e identidade de gênero apesar de terem uma relação, não são as mesmas coisas, de um lado a biologia e a sua contribuição, do outro, a construção social do sujeito. Segundo Miriam Grossi (1998), gênero é usado para designar tudo aquilo é social e cultural, e vale a pena ressaltar que o mesmo é mutável, já o sexo é referido somente para tratar de questões biológicas.

As participantes em suas falas tentam enquadrar uma identidade sexual e de gênero na personagem Laura/Michael, é como se houvesse uma certa sobreposição entre os conceitos e que o importante naquele momento fosse identificar a personagem. Expondo o destaque que a sexualidade adquiriu na sociedade moderna, parece ser complexo compreendê-la como constitutiva de propriedades de fluidez e inconstância. Com frequência acabamos por nos apresentarmos ou representarmos a partir de nossa identidade de gênero e de nossa identidade sexual (LOURO, 2000).

Podemos observar que nossos desejos, interesses e ideias de pertencimento sociais acabam nos impulsionando para inúmeras direções, porém sempre carregamos incertezas quanto ao que é desconhecido, uma ameaça que confronta o não possuir uma “identidade fixa”, entretanto insistimos fixar uma identidade, afirmando que o que somos agora é o que na verdade sempre fomos (WEEKS, 1995). Diante dessas problematizações podemos considerar um componente que é alvo de muitas indagações “o corpo”.

Quanto a visão do corpo em nossa sociedade, Weeks (1995) ressalta:

O corpo é visto como o corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar. Por que outra razão estamos tão preocupados em saber se os desejos sexuais, sejam hetero ou homossexuais, são inatos ou adquiridos? Por que outra razão estamos tão preocupados em saber se o comportamento genericado corresponde aos atributos físicos? Apenas porque tudo o mais é tão incerto que precisamos do julgamento que, aparentemente, nossos corpos pronunciam (p.90-91).

A grosso modo, queremos que o corpo siga uma linha tênue, deixando evidente o que se expressa, que ele deixe de maneira óbvia aquela identidade, sem ambiguidade ou inconsistência, de certa forma espera-se uma identidade de gênero ou sexual de caráter “biológico”, enquanto o processo é no entanto bem mais complexo levando esse ponto de vista para uma ótica totalmente inequívoca (LOURO, 2000).

Outro contraponto passível de discussão, foi a fala da participante Deborah, que leva a temática do filme para a realidade do cotidiano escolar, alegando conhecer uma amiga transgênero e lésbica, tal afirmação me leva a refletir que por mais que a escola tente omitir ou disciplinar determinadas identidades, elas acabam por resistir. O corpo, que é constructo de várias manifestações, de gênero, sexuais e culturais, sempre esteve presente na escola, embora o campo da educação tente separar “corpo e mente” e desencadeiem suspeitas sobre o corpo, ele insiste em resistir as opressões e reivindicar que a diversidade existe na escola (LOURO, 2000 b).

O processo de construção da personagem Laura/Michael levou os/as participantes para além das fronteiras das restrições biológicas e dos papéis de gênero que ainda continuam por reger a nossa sociedade. Nesse contexto, as representações de gênero remetem a uma relação conflituosa que persiste na tentativa de identificar os sujeitos, como se as identidades tivessem que obedecer uma normalidade e fixidez.

Pesquisador: 2. Poderiam descrever a cena que mais chamou a atenção de vocês e explicar por quê?

Letícia:[...] “bora brincar de massinha” aí eu percebi, que **ele, ela ia fazer como se fosse a parte íntima masculina de massinha** e colocar lá só para se divertir entendeu? Para se encaixar porque parece algo estranho fazer isso, mas só que ela queria entendeu? [...] Pra gente é estranho só que para ela não, só o que ela queria era ser aceita, assim ... Ela queria ser um menino, entendeu?

Deborah: Inclusive os indícios todos, porque tipo, mesmo que né? Questão de cor, “ah! não, azul é para menino e rosa é para menina”, e **a mãe dela pintou o quarto dela de azul, aí ficou meio que desproporcional** ao ser, já que ela é uma menina e eles todos consideravam ela menina.

No processo de socialização de Laura/Michael no condomínio novo, a personagem ao ser perguntada o seu nome acaba se apresentando como Michael, brincando de futebol com os garotos, Laura/Michael se sente realizada, tirando a camisa para jogar com os outros garotos, é como se os corpos naquele momento não obedecessem às normas estabelecidas pela nossa sociedade. Na visão de Louro (2017), é como se vivêssemos uma travessia de fronteiras que a todo tempo é vigiada em nossas culturas, somos normatizados a permanecer no território de gênero para o qual somos designados ao nascimento.

As participantes expressam em suas falas argumentos que remetem a aceitabilidade, como se para ter acesso ao grupo de amigos Laura/Michael tivesse que obedecer às regras imposta naquele ambiente de convívio, “ser um menino” e possuir um “pênis”. Para Louro (2000), o processo de significação em nossa cultura ocorre de maneira contínua repleto de alterações, determinadas características são utilizadas para representar identidades, porém é preciso ressaltar que o processo de reconhecimento das identidades nem sempre é tão delineado, pois pode ocorrer dos desejos e necessidades experimentadas pelos sujeitos nem sempre estarem em concordância com a aparência do corpo.

Em consonância com representações binárias, a fala da participante Deborah carrega um teor normativo quanto ao gênero, ao questionar o gosto de Laura/Michael por cores designadas culturalmente ao gênero masculino, partindo do contexto estabelecido pela nossa sociedade existe uma série de objetos, práticas e símbolos que denominam marcações do que vem a ser feminino ou masculino, estabelecendo uma norma de forma dicotômica e hierárquica (CARVALHO, 2016).

É possível observar a partir dos comentários dos/as alunos/as, dúvidas e inquietações acerca das cenas do filme que evidenciam o caráter construtivo das identidades de gênero. Ao utilizar uma massinha de modelar para “fabricar” um pênis e ser reconhecido/a como um garoto, Laura/Michael representa um conjunto de significados e símbolos que marca a masculinidade e acentua que está excede os limites do biológico, assim em todo o momento aparecem questões envolvendo normas sexuais e de gênero estabelecidas pela sociedade.

Pesquisador: 3.Vocês acham que nascemos meninos ou meninas? Por quê?

Letícia: [...] por dentro é outra coisa, é algo diferente do que é por fora, por exemplo, tem meninas que têm o corpo de menina, mas sentem atração por meninas, **é como se não tivesse nada a ver com as partes íntimas, não tem nada a ver, fosse algo de dentro mesmo que ela sente [...].**

Mel: **É como se o corpo não fosse nada, o que interessa vai ser alma, o sentimento, o gosto, a pessoa...**

Paula: Eu acho que a gente tem que ser, tipo... **cada um tem quer ser o que quiser, e a gente tem que ir se descobrindo com o tempo né?** A gente vai se descobrindo.

Letícia: **Descobrimo quem somos, o que gostamos, o porquê das coisas.**

Frank: Tipo, o que falaram né? **Nosso corpo físico nasce de um jeito, mas você escolhe com o tempo segundo a sociedade.**

Mel: Desde o primeiro momento que a gente nasce... é realmente como se fosse a sociedade porque desde que a mãe já descobre o sexo é menino, já é tudo azul, ou então é menina já é tudo rosa, então é **a partir do momento que descobre o sexo, antes de a gente nascer, a gente já é aquilo que as pessoas propõem.**

Desde o nascimento somos submetidos a uma normatividade, ou melhor dizendo, heteronormatividade, que rege o universo dos brinquedos, das roupas e até mesmo a maneira de nos comportarmos. A personagem Laura/Michael aparece na trama desconstruindo toda essa norma que rege meninos e meninas, biologicamente menina porém se comportando e se vestindo socioculturalmente como um garoto, Laura/Michael vive cada dia esse processo de construção quanto a sua identidade. Para Seffner (2013), a heteronormatividade exerce influência sobre o gênero e a sexualidade, de maneira que naturalizam e tentam relacionar gênero, sexo e identidade sexual, tais forma de normatização sustenta representações que acabam por deixar sujeitos que não se enquadram nesse tipo de modelo sejam tidos como desviantes.

As falas dos/as participantes ajudam a reforçar a problematização acerca da maneira em que os sujeitos se comportam e querem ser vistos socialmente, independente de características biológicas, é possível observar uma palavra que é alvo múltiplas construções, o “corpo” e as normas estabelecidas pela sociedade. Para Louro (2017), o corpo é definido pelo gênero até mesmo antes do nascimento, habituou-se a dar nomes aos corpos que estão para vir ao mundo como “macho ou fêmea”, de maneira antecipada fala-se também do sexo do ser que vai nascer, logo após o sujeito é enquadrado como feminino ou masculino.

Nesse sentido, o conceito de gênero passa a envolver diversas formas de construção socioculturais e linguísticas envolvidas nos processos de distinção entre homens e mulheres, de certa maneira proporcionando uma separação dos corpos quanto ao sexo, gênero e sexualidade, carregados por definições e representações hegemônicas de feminino e masculino, que em direção oposta podem ser problematizadas, visando produzir ressignificações dessas representações (SCOTT, 1995; LOURO, 1997; MEYER, 2013). Meyer (2013) enfatiza: “gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo”. (p.18)

As cenas em que Michael/Laura exibe seu corpo no banho e no lago com os amiguinhos, principalmente o uso de uma massinha de modelar para “confeccionar” um pênis causaram surpresas, dúvidas e inquietações aos/as participantes, evidenciando que a biologia através da anatomia dos corpos está presente nesse processo de produção de representações de gênero.

Pesquisador: 4. Vocês poderiam comentar as cenas descritas a seguir:

- a) A cena em que Michael/Laura sai do banho, vocês podem comentar? (Ocorre em “00:11:48”).
- b) Vocês podem comentar a cena em que Michael/Laura coloca uma massinha de modelar na roupa de banho? (Ocorre em “00:42:44”).

<p>Cena A</p> <p>Roberta: Não sei, surpresa né, porque a gente sempre...desde o começo do filme eu desconfiei que era um menino, e daí a mãe dela chama ela de querida e tal.</p> <p>Paula: Uma menina ou menino, uma menina que parecia um menino ou sei lá, vice-versa, mas que ele queria ser um menino, então eu acho que foi para mostrar a realidade.</p> <p>Deborah: Foi bem impactante, tipo a gente viu que desde o início porque a mãe sempre ficava chamando ela de querida, só que a gente viu que não é erro de gravação. (Os participantes riem)</p> <p>Irineu: Eu fiquei surpreso, tipo, no começo do filme eu vi, ela era homem e tal, pela aparência física e tal, aí quando ela(mãe) falou querida eu já fiquei meio, oxente!!</p> <p>Frank: Tipo, foi impactante porque depois dessa parte você percebe que, ela era uma menina e ela queria mostrar ao mundo que ela era um menino, mesmo sem falar ela queria ser um menino.</p> <p>Letícia: Engraçado que eu percebi todo mundo falando, até mesmo eu, todo mundo quando vê ali “Ah! cabelo curto, roupas masculinas, quarto azul etc”, aí todo mundo pensa “Ah! é um menino”, já pensa, vema mente.</p> <p>CENA B</p> <p>Letícia: [...] ela não sentia que era uma garota, ela sentia ser um menino.</p> <p>Joana: Ela não se identificava com o corpo, ela, eu acho que botar a massa de modelar na roupa foi o jeito mais fácil que ela encontrou de se divertir um pouco.</p> <p>Deborah: No início quando ela colocou o maiô dela eu fiz... ela vai cortar isso aí, mas ela não tem o principal vai colocar o quê aí?</p>

Os extremos “biológico” e “social” aparecem inúmeras vezes, a cena em que Michael/Laura sai do banho mostra ao público o que muitos queriam a qualquer custo saber, porém sabemos que pouco importa a genital da personagem, e sim a maneira de querer ser visto pelo outros. É como se o corpo devesse corresponder as normas estabelecidas sociais, pois o mesmo é um constructo que carrega influências culturais e históricas (GOELLNER, 2013).

Sobre os corpos e as identidades, Louro (2013) ressalta:

[...] O grande desafio talvez seja admitir que todas as posições podem se mover, que nenhuma é natural ou estável e que mesmo as fronteiras entre elas estão se desvanecendo. A não nitidez e a ambiguidade das identidades culturais podem mesmo ser, às vezes, a posição desejada e assumida – tal como fazem, por exemplo, muitos jovens homens e mulheres a inscrever em seus corpos, propositalmente, signos que embaralham possíveis definições de masculinidade e de feminilidade. [...] (p.50-51).

A construção das identidades sexuais e de gênero ocorre ao decorrer de toda a vida dos sujeitos, lembrando que não tem nada de harmônica ou estável, em oposição torna-se um processo que não garante estabilidade ou coerência, frisado pelo imprevisível e provisório, nesse contexto, pode-se dizer que todos nós estamos passíveis a construções (LOURO, 2017).

Diante das falas dos/as participantes é possível observar a presença de representações essencialistas das coisas e a necessidade de construir uma ligação obrigatória entre o corpo e os “papéis” estabelecidos socioculturalmente. Assim, quando os corpos não conseguem ser lidos acabam por direcionados para a linha anormalidade sendo patologizados e julgados.

<p>Pesquisador: 5. Vocês podem comentar a cena em que a mãe Michael/Laura, a força a vestir um vestido e a leva para contar a verdade sobre a sua identidade?</p> <p>Deborah: Foi muito constrangedor, tipo...é... vê que ela já sabia que a menina queria ser um menino e ela forçou a menina a fazer uma coisa que a menina não queria fazer.</p> <p>Letícia: [...] de qualquer jeito ia ter que contar, e ela ia para escola e tudo mundo ia ver que ela era uma menina, então... de certa forma eu acho que a mãe não tinha bem um preconceito, é tanto que a mãe comprava roupas, pintava o quarto de azul, a mãe não via nenhum preconceito.</p> <p>Paula: Eu até entendo que ela possa ter feito isso para proteger ela só que ela fez meio que de maneira errada, porque obrigando ela a se vestir de um jeito que ela não queria, [...] da escola né? Todo mundo ia saber, e ela não ia querer que a filha passasse por certo tipo de preconceito, mas o que ela fez de obrigar ela a se vestir daquele jeito foi muito errado, eu acho que ela deveria ter ...</p> <p>Roberta: Eu acho que foi desnecessário até porque ela era uma criança ainda né?</p>

Tendo um acordo com a irmã (Jeanne), Laura/Michael a leva para brincar para que a irmã não conte o segredo de sua identidade para seus pais, durante mais um passeio Jeanne é machucada por um garoto, fazendo com que Michael/Laura se meta em uma briga que põe em jogo a sua identidade, que é descoberta, lamentando o ocorrido, a mãe de Laura não vê outra solução além de contar toda a verdade para as mães das crianças envolvidas, inclusive para a mãe de Lisa, a quem Michael/Laura tem uma conexão afetiva, Michael/Laura é obrigada a se vestir-se de acordo com o gênero dado ao seu nascimento (um vestido), e forçada acompanhar a mãe para se retratar com as mães das crianças.

É como se a mãe de Laura/Michael temesse a sociedade e não houvesse espaço para alguém com a “identidade” da filha, e que a única saída fosse assumir os padrões de normalidade instituídos. Como apresentado nas falas das participantes houve uma certa desaprovação quanto a atitude mãe da personagem em impor uma regra, na qual ela teria que se vestir como “uma garota”, diante disso Louro (2016), argumenta que os traços de gênero e sexualidade, juntamente com suas significações e nomeações no contexto cultural, são também oscilantes e provisórias, estão sem dúvida, envoltas por relações de poder, é por intermédio do corpo que os mecanismos de afirmação e transgressão das normas de regulação se consolidam e se manifestam (p.85).

Ainda sobre a construção das identidades, Louro (1997) argumenta:

O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas

ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação (p.27).

Muitas cenas do filme *Tomboy* favoreçam o surgimento de argumentos enriquecedores, ao possibilitarem a problematização as normas sexuais e de gênero, assim como o reconhecimento do caráter construtivo e transitório das identidades, em detrimento de determinadas representações e práticas sociais que insistem em assumir o controle das identidades e direcioná-las a um arbitrário padrão considerado normal.

5. CONCLUSÕES...

A execução desse trabalho teve como objetivo analisar, os modos de produção cultural de representações acerca de sexualidade e gênero nos filmes e sua relação com as concepções de estudantes. Além de problematizar o modo como sexualidade e gênero foram representadas em duas obras cinematográficas. Estamos imersos por pedagogias culturais, nesse caso referindo-se ao cinema, que por si acaba por promover des(aprendizados), diante dessa afirmação foi proposta uma pesquisa com o público estudantil com a premissa de analisar as representações de identidade sexual e de gênero nos filmes *Tempestade de Verão-2004* e *Tomboy-2012*. Gênero e sexualidade são temáticas que sempre estiveram no cotidiano escolar, muitos trabalhos acadêmicos possibilitam reforçar essa afirmação, sendo assim um frutífero ambiente para a execução da pesquisa, unindo “cinema e sexualidade”.

Durante o campo pude observar os/participantes e até mesmo conversar sobre os filmes que foram exibidos, os/as mesmos/as alegaram nunca ter passado por uma experiência parecida durante a trajetória escolar, o que me levou a questionar as práticas pedagógicas e as abordagens referentes a gênero e sexualidade. Ao concluir as etapas de campo, análise dos filmes e das falas dos/das participantes mediante a perguntas norteadoras foi possível criar um *link* entre as respostas dadas pelos/as participantes e suas vivências do cotidiano.

É notório o quanto o ambiente escolar provoca (des)aprendizados acerca das dimensões de sexualidade e gênero, as falas dos/as estudantes evidenciaram que as diferenças permeiam esse espaço marcado pela cultura, instância responsável por produzir distintas representações convergentes e/ou divergentes em relação às cenas fílmicas e escolares, que, de uma forma ou de outra, constituem potentes artefatos culturais. Sexualidade e gênero são temáticas que

envolvem cenas marcantes tanto na escola quanto no cinema, nesse sentido, estão, queira-se ou não, entre as principais demandas educacionais contemporâneas, pois abrigam múltiplas representações acerca das identidades sexuais e de gênero que atravessam os distintos cenários escolares e cinematográficos.

Foi possível concluir que além de contribuir para o despertar do interesse dos/as alunos/ acerca da sexualidade e gênero, essas temáticas expostas, de modo direto e/ou indireto, nas telas do cinema possibilitaram concordâncias e discordâncias quanto ao que se refere ao cotidiano escolar dos/das participantes. As representações sobre as identidades sexuais e de gênero apresentadas pela linguagem cinematográfica nem sempre favorecem um teor de criticidade e acabam por cultivar ideias equivocadas e incoerentes, o que demanda um exercício contínuo de problematização dessas temáticas na escola, já que nesse espaço são “representados” sujeitos da vida real. Porém, os filmes e as realidades do cotidiano escolar, como o preconceito, a questão de “assumir” identidades que não seguem as normas sexuais e até mesmo a exclusão das diferenças proporcionam muitas inquietações e questionamentos que mereciam mais atenção e destaque, visando contribuir para desconstruir esse padrão heteronormativo em direção ao (re)conhecimento da diversidade sexual que existe em nossa sociedade.

A análise das falas dos/as participantes permitiu constatar o quanto a escola ainda carece de abordagens de sexualidade e gênero, principalmente para discutir sobre a construção das identidades, pois durante algumas perguntas foi possível observar uma sobreposição entre identidade sexual e de gênero. Assim, os filmes como potentes artefatos e pedagogias culturais poderiam ser de grande relevância para incitar abordagens socioculturais e políticas acerca das temáticas sexualidade e gênero na escola, ainda que nem tudo possa ser esclarecido através dos mesmos, não deixam de constituírem veículos de representação úteis para uma ótima discussão.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCELOS, N.; JACOBUECCI, D. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 10, n. 2, p. 334-345, 2011.
- BORRILLO, D. A homofobia. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Org.). **Homofobia & educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres, 2009.
- BRITZMAN, D. P. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n.1, p. 71-96, jan/jun, 1996.
- CARVALHO, M. Direitos humanos das mulheres e das pessoas LGBTQI: Inclusão da perspectiva da diversidade sexual e de gênero na educação e na formação docente. **Editora da UFPB**, 2016. 74p
- CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma epistemologia. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009.
- COSTA, M.; SILVEIRA, R.; SOMMER, L. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista brasileira de educação. Belo Horizonte**. n. 23 (maio/ago. 2003), p. 36-61, 2003.
- COSTA, M. Caminhos investigativos II. 1ed. **Lamparina editora**. 2007
- DAL'IGNA, M. Família S/A: Um Estudo sobre a parceria família-escola. **Dissertação**. 2011.
- DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, Curitiba, n. 24, 2004.
- DUPRAT, N. Cinema gay e Estudos Culturais: Como esse babado é possível. **Terceiro Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 2007.
- ESCOSTEGUY, A. Cartografias dos estudos culturais. **Belo Horizonte: Autêntica**, 2001.
- FABRIS, E. T. H. Cinema e Educação: um caminho metodológico. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 33, p. 117-133, 2008.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: a vontade do saber**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. Cap. 5, p. 67-82.

GODOY, A. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p.30-42.

GROSSI, M. **Identidade de gênero e sexualidade**. 1998.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HEILBORN, M.; CARRARA, S. **Gênero e Sexualidade na escola**: Formação de professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. 2009, 226p.

JUNQUEIRA, R. D. Educação e Homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

_____. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 01, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 179 p.

_____. Pedagogias da sexualidade. In:_____. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000a. p. 07-34.

_____. Teoria *queer*-uma política pós-identitária para a educação. **Estudos feministas**, v. 9, n. 2, p. 541, 2001.

_____. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 2, 2000b.

_____. Cinema e Sexualidade. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 1, 2008.

_____. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. Cap. 3, p. 43-53.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer***. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____. **Flor de açafrão: takes, cuts, close-ups**. Belo horizonte: Autêntica, 2017.

MEYER, D. E. E. Teorias e políticas de gênero: fragmentos de histórias e desafios atuais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 1, p. 13 -18, jan./fev. 2004.

_____. Gênero, Sexualidade e Currículo. In: BRASIL (TV Escola/Salto para o futuro). **Educação para igualdade de gênero**. Ano XVIII - Boletim 26 – Novembro de 2008. p.20-30.

_____. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p.11-29.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. Cap.1, p. 25-47.

MISKOLCI, R. Teoria *Queer*: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. **Autêntica Editora**, 2016.

RIOS, R. R. Homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

ROCHA, M. et al. Gênero e sexualidade na sala de aula: o uso do cinema como recurso pedagógico. **Interfaces da Educação**, v. 6, n. 17, p. 219-246, 2015.

SABAT, R. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Estudos Feministas**, p. 9-21, 2001.

SANTOS, L. Currículo de licenciatura em educação física e políticas educacionais de gênero e de diversidade sexual: articulações (im) possíveis. **Tese**. 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul/dez. 1995.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos pagu** (28), p. 19-54, janeiro-junho de 2007.

SEFFNER, F. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educação e Pesquisa**, v. 39, n. 1, 2013.

_____. Sexualidade: isso é mesmo matéria escolar. **Revista Teoria e Prática da Educação**. 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Cap. 2, p. 73-102.

_____. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. 156 p.

SILVA, B.; RIBEIRO, P. Sexualidade na sala de aula: tecendo aprendiza tecendo aprendizagens a partir de um artefato pedagógico. **Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 521-533, 2011.

SILVEIRA, R. M. H. A entrevista na pesquisa em Educação – uma arena de significados. In: COSTA, M. V. **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. Cap.6, p.117-138.

SOUZA, E. J. **Diversidade Sexual e Homofobia na escola: representações sociais de educadores da educação básica**. Dissertação (Mestrado). São Cristóvão: UFS/PPGPS, 2015.

_____. Diversidade sexual e homofobia na escola: (des)conhecimento e vivências de docentes. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 54, n. 41, p. 111-138, maio/ago. 2016.

SOUZA, L.; DINIS, N. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. **Pro-Posições**, v. 21, n. 3, p. 119-134, 2010.

WEEKS, Jeffrey. **Invented moralities**: sexual values in an age of uncertainty. Nova York: Columbia University Press, 1995.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.) **O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.35-82.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, jul./dez. 2001.

WORTMANN, M. L. Análises culturais – um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, M. V. **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. Cap.4, p. 71-9.

7. APÊNDICE

7.1. APÊNDICE 1



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante:

Sou estudante do curso de graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Sergipe. Estou realizando uma pesquisa sob supervisão da professora Mestra Elaine de Jesus Souza, cujo objetivo é executar um cine debate acerca das representações de identidade sexual e de gênero.

Sua participação envolve participar da exibição e discussão de filmes, para tanto, serão feitas algumas perguntas e um debate coletivo acerca das principais temáticas exibidas nos filmes, com duração aproximada de 2h:30 min.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Atenciosamente

Nome e assinatura do(a) estudante
Matrícula:

Local e data

Nome e assinatura do responsável
Matrícula:

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do participante

Local e data

7.2 APÊNDICE 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA – DBI
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
Resolução nº 466/12 – Conselho Nacional de Saúde

Prezado responsável,

Seu filho(a) e/ou menor de idade sob sua responsabilidade está sendo convidado(a) para participar da pesquisa **Sexualidade e Gênero na escola: Interface com uma análise cultural de Filmes**, que tem como objetivo: analisar os modos de produção cultural de representações acerca de sexualidade e gênero nos filmes e sua relação com as concepções de estudantes.

Durante a pesquisa serão realizados dois encontros, que consistirão na exibição de filmes e entrevistas coletivas. Os comentários das entrevistas coletivas serão tratados de forma anônima e confidencial. Quando for necessário exemplificar determinada situação, a privacidade dele/a será assegurada. O material produzido será utilizado apenas nesta pesquisa e os resultados serão divulgados em eventos e/ou revistas científicas. A participação é voluntária, isto é, a qualquer momento ele/ela poderá recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Você não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. O benefício relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área de ensino de Ciências e Biologia. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o e-mail do pesquisador responsável, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos!

☐ **Concordo que o menor de idade sob a minha responsabilidade participe da pesquisa.**

() Sim () Não

☐ **Aceito que o menor de idade sob a minha responsabilidade participe das exibições de filmes e das entrevistas coletivas.**

() Sim () Não

Pesquisador: Wendell Rhamon dos Santos de Jesus Silva

e-mail:wendell.rhamon@hotmail.com

Graduando em Ciências Biológicas UFS

☐ Declaro estar ciente do inteiro teor deste **TERMO DE CONSENTIMENTO** e estou de acordo em participar do estudo proposto.

São Cristóvão, ____ de _____ de 2018.

Nome do participante

Assinatura do responsável

7.3 APÊNDICE 3

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “**Sexualidade e gênero na escola: Interface com uma análise cultural de filmes**”, sendo necessária à sua autorização por escrito para a participação da pesquisa.

O estudo proposto tem como objetivo analisar os modos de produção cultural de representações acerca de sexualidade e gênero nos filmes e sua relação com as concepções de estudantes.

Sua participação é voluntária, e você poderá recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento, sem quaisquer prejuízos. Caso desista, você pode devolver o formulário sem preenchê-lo.

Você não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não há riscos associados à sua participação, pois as respostas serão realizadas individualmente, de forma anônima. Sua participação é muito importante, pois contribuirá para o conhecimento científico na área de ensino de Biologia e na formação docente.

Esse termo de consentimento foi elaborado de acordo com as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos e atende à Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério de Saúde – Brasília – DF.

Declaro que estou ciente dos objetivos dessa pesquisa e concordo em participar, voluntariamente.

() sim () não

Leia atentamente as questões abaixo e, responda-as com sinceridade, por favor.
Obrigada por sua participação

Nome:_____

Nome Fictício:_____

1. Gênero () Masculino () Feminino
2. Idade. _____ anos _____ meses
3. Religião. () Católico () Evangélico () Não tenho religião () Outros
(especifique)_____
4. Residência. () Aracaju () São Cristóvão () Nossa Senhora do Socorro
() Outros (especifique)_____
5. Identidade Sexual. () Homossexual () Heterossexual () Bissexual () outro
(especifique)_____ () Não quero me identificar

7.4. APÊNDICE 4

Cronograma de Atividades

Data	Atividade
20/11/2017	Conhecer o público alvo
21/11/2017	Entrega do termo de consentimento livre e esclarecido
04/01/2018	Produção do Material Empírico
	<ul style="list-style-type: none"> • Cine Debate com o filme (Tempestade de Verão-2004). • Observar a reação do/as alunos/as durante a exibição dos filmes. • Entrevista coletiva ou de grupo.
11/01/2018	Produção do Material Empírico
	<ul style="list-style-type: none"> • Cine Debate com o filme (Tomboy-2012). • Observar a reação do/as alunos/as durante a exibição dos filmes. • Entrevista coletiva ou de grupo

A pesquisa foi realizada com um roteiro prévio para ajudar na produção do material empírico, consistindo em algumas perguntas norteadoras.

Roteiro de Entrevista de Grupo

Filme	Roteiro de Perguntas
Tomboy-2012	<p>1.Vocês conseguem relacionar a temática do filme com o cotidiano escolar de vocês?</p> <p>2. Poderiam descrever a cena que mais chamou a atenção de vocês e explicar por quê?</p> <p>3.Vocês acham que nascemos meninos ou meninas? Por quê?</p>

	<p>4. Vocês poderiam comentar as cenas descritas a seguir:</p> <p>a) A cena em que Michael/Laura sai do banho, vocês podem comentar? (Ocorre em “00:11:48”).</p> <p>b) Vocês podem comentar a cena em que Michael/Laura coloca uma massinha de modelar na roupa de banho? (Ocorre em “00:42:44”).</p> <p>5. Vocês podem comentar a cena em que a mãe Michael/Laura, a força a vestir um vestido e a leva para contar a verdade sobre a sua identidade? (Ocorre em “01:04:37”)</p>
Tempestade de Verão-2004	<p>1) O que vocês acharam da maneira em que a temática sexualidade foi abordada no filme?</p> <p>2) Poderiam descrever a cena que mais chamou a atenção de vocês e explicar por quê?</p> <p>3) Quando os jovens da equipe de remo dizem ser gay, o que vocês poderiam comentar sobre a reação das demais equipes?</p> <p>4) Vocês conseguem levar a temática do filme para vivências do ambiente escolar?</p> <p>5) Vocês podem comentar as cenas descritas a seguir? E contarem se já</p>

	<p>presenciaram situações parecidas vivenciadas na escola?</p> <p>Na cena em que Tobi e Achim estão na barraca ocorre o seguinte diálogo: (Ocorre em: “00:28:23”)</p> <p><i>-Você fechou a barraca? De repente vai que esses gays passam, e quem sabe né?</i></p> <p><i>-Você acha que dá para ser amigo deles?</i></p> <p><i>-Por que não?</i></p> <p><i>-Contanto que não queiram nada comigo?</i></p> <p><i>-E se um deles se apaixonar você?</i></p> <p><i>-Aí teríamos um problema, não seria recíproco.</i></p> <p><i>-Talvez nem eles saibam disso.</i></p> <p><i>-Eu nunca pensaria que eram gays, eles não parecem ser.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Diálogo entre os amigos da equipe de remo “Queer”: (Ocorre em “00:39:54”) <p><i>-Vocês dois parecem Mary Kate e Ashley, todos desmunhecados,</i></p> <p><i>-Precisam mesmo disso?</i></p> <p><i>-Cada um é cada um, não é?</i></p> <p><i>-Eu não quis dizer isso.</i></p> <p><i>-Mas vocês realmente parecem duas garotinhas.</i></p> <p><i>-E você também não tem um lado feminino?</i></p> <p><i>-Sim, mas eu sou controlado.</i></p>
--	--

	<ul style="list-style-type: none">• Tobi é acolhido por um garoto da equipe “Queer”: (Ocorre em “01:16:45”). <i>-O que está fazendo aqui?</i> <i>-Aqui, vista algo seco.</i> <i>-Obrigado!!</i> <i>-Como foi com você?</i> <i>-Não posso dizer que foi fácil, mas depois ficou melhor.</i> <i>-Mas se você se esconde a sua vida toda, você se perde.</i>
--	---